

NEBULOSAS

POESIAS
DE
NARCIZA AMA LIA

Narcisa Amália de Campos

NEBULOSAS

Publicado Originalmente em 1872

Edição, notas e glossário por
Equipe Livrecia.com

Livrecia.com
2025

NEBULOSAS.....	2
PREFÁCIO DO EDITOR.....	5
UMA NOTA PARA O VESTIBULANDO DA FUVEST.....	6
SOBRE A AUTORA.....	7
GLOSSÁRIO.....	8
PREFACIO.....	21
1.....	21
2.....	22
3.....	24
4.....	25
5.....	28
6.....	33
PRIMEIRA PARTE.....	34
NEBULOSAS.....	35
VOTO.....	38
SAUDADES.....	39
LINDA.....	40
AFFLICTA.....	43
ASPIRAÇÃO.....	44
CONFIDENCIA.....	45
DESENGANO.....	46
DESALENTO.....	47
AGONIA.....	48
CONSOLAÇÃO.....	49
AMARGURA.....	50
FRAGMENTOS.....	52
SCISMA.....	53
RESIGNAÇÃO.....	55
SEGUNDA PARTE.....	57
INVOCÇÃO.....	58
NO ERMO.....	60
O ITA-TIAYA.....	63
VINTE E CINCO DE MARÇO.....	67
MANHÃ DE MAIO.....	70
A' REZENDE.....	72
MIRAGEM.....	75
LEMBRAS-TE?.....	78
SETE DE SETEMBRO.....	80
A NOITE.....	83
VÊM!.....	85
PESADÊLO.....	86
I.....	86
II.....	87
III.....	90
TERCEIRA PARTE.....	91
CASTRO ALVES.....	93
A' A. CARLOS GOMES.....	96
VISÃO.....	97

A FESTA DE S. JOÃO.....	99
I.....	99
II.....	100
III.....	102
RECORDAÇÃO.....	104
O SACERDOTE.....	105
AMOR DE VIOLETA.....	107
O AFRICANO E O POETA.....	108
SADNESS.....	110
O BAILE.....	111
FANTASIA.....	113
JULIA E AUGUSTA.....	115
NOCTURNO.....	116
A ROSA.....	118
AVE-MARIA.....	119
OS DOUS TROPHÉOS.....	121
NOTAS.....	128

PREFÁCIO DO EDITOR

A obra que o leitor tem em mãos é um ato de resgate, editada pela equipe do portal **livrecia.com**. Publicado originalmente em 1872, *Nebulosas*, de Narcisa Amália, é um tesouro esquecido da literatura brasileira. O objetivo desta edição digital e gratuita é, portanto, devolver a obra à circulação, permitindo que uma nova geração de leitores descubra a força de seus versos.

Por se tratar de uma obra em **domínio público**, o trabalho de Narcisa Amália pertence a todos. Cumprindo essa vocação, esta edição é oferecida de forma **totalmente gratuita**, com a intenção de difundir ao máximo o legado desta importante autora, sem as barreiras comerciais que muitas vezes limitam o acesso à cultura.

Para a elaboração deste livro, o texto original foi obtido na biblioteca digital da BBM-USP, através do link: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8420>. O trabalho consistiu na transcrição cuidadosa de cada página, mantendo o texto o mais fiel possível ao original, incluindo o prefácio do primeiro editor. Pequenas e pontuais alterações foram necessárias devido a erros de digitação, problemas de legibilidade ou de grafia da impressão original, visando sempre a clareza para o leitor. No entanto, uma decisão editorial fundamental foi a de preservar a linguagem da época: **o português é o mesmo em que a obra foi lançada, não sendo transcrito para o português atual.**

Para auxiliar a leitura, esta edição foi enriquecida com notas de rodapé e um glossário ao final do livro, que visam esclarecer referências e termos arcaicos. O objetivo deste trabalho é, portanto, não apenas tornar a poesia de Narcisa Amália acessível, mas também fornecer ferramentas para que sua obra seja lida em toda a sua riqueza e complexidade.

Como este é um projeto independente dedicado à democratização da leitura, sua companhia é fundamental para que possamos continuar esse trabalho de garimpo literário. Se você valoriza este resgate, convidamos gentilmente a acompanhar nossas descobertas e novidades no Instagram [@livrecia](https://www.instagram.com/livrecia). Sua presença lá nos ajuda a levar a literatura clássica ainda mais longe.

Equipe [Livrecia.com](https://www.livrecia.com)

2025

UMA NOTA PARA O VESTIBULANDO DA FUVEST

Olá, estudante!

A equipe do **LIVRECIA.COM** sabe que a sua jornada de preparação para o vestibular é exigente. Por isso, estamos em uma missão: formatar e disponibilizar gratuitamente todas as obras em domínio público da lista da Fuvest, com a mesma qualidade e cuidado que você vê nesta edição de "Nebulosas".

Nossa biblioteca está em **constante atualização** com novos títulos. Você pode encontrar e baixar todas as leituras obrigatórias já disponíveis, como "Memórias de Martha" e outras, em nossa página exclusiva.

Acesse agora para conferir as obras já publicadas e complete sua coleção de estudos:
<https://livrecia.com/livros-fuvest-download-gratis/>

Bons estudos!

SOBRE A AUTORA

Narcisa Amália de Campos (1852-1924) foi uma das vozes intelectuais mais importantes de seu tempo, atuando como poeta, tradutora, crítica literária e jornalista. Considerada a primeira mulher a exercer o jornalismo de forma profissional no Brasil, ela usou sua plataforma para combater vigorosamente a opressão contra a mulher e o regime escravista, tornando-se um dos raros nomes femininos de sua época a discutir a identidade nacional em seus escritos.



Nascida em São João da Barra e filha do poeta Jácome de Campos, Narcisa Amália teve uma educação esmerada, estudando latim, francês e retórica. Sua vida pessoal, no entanto, foi marcada por desafios. Casou-se duas vezes e de ambas as uniões se separou, o que a tornou alvo de forte estigma social. A situação se agravou quando seu segundo marido, após a separação, iniciou uma campanha de difamação, alegando que os versos de Narcisa não eram de sua autoria, uma calúnia que encontrou eco em parte da sociedade, incluindo o escritor Múcio Teixeira.

Carreira e o Sucesso de *Nebulosas*

A carreira de Narcisa Amália começou com a tradução de autores franceses, como George Sand. Em 1872, aos 20 anos, publicou sua única obra poética,

Nebulosas, pela mais famosa editora da época, a Garnier. O livro, que mescla poemas líricos a outros de forte cunho social, foi um sucesso imediato, recebendo elogios de figuras como Machado de Assis e o Imperador D. Pedro II, além de prêmios como a "lira de ouro". Para as mulheres daquele período, ter um livro publicado era um feito extraordinário, já que a expressão feminina costumava ficar restrita ao espaço privado.

Exílio Voluntário e Últimos Anos

Cansada das difamações e do preconceito em Resende, Narcisa Amália mudou-se para o Rio de Janeiro em 1889, em uma espécie de exílio voluntário. Lá, abandonou quase por completo a atividade literária e dedicou-se ao magistério em uma escola pública, chegando a fundar um pequeno jornal quinzenal chamado "o Gazetinha".

Narcisa Amália faleceu aos 72 anos, em 24 de julho de 1924, no Rio de Janeiro, em decorrência de complicações do diabetes. Estava pobre, cega e com a mobilidade reduzida, e sua obra caiu em um longo período de esquecimento após sua morte. Antes de falecer, deixou um apelo às mulheres escritoras: "molha a pena no sangue do teu coração e insufla nas tuas criações a alma enamorada que te anima". Hoje, seu legado é celebrado com ruas em seu nome e homenagens como a da Feira do Livro de Resende (FLIR) em 2019.

GLOSSÁRIO

Abuzões

Crendices, superstições, agouros. No poema "A Festa de S. João", a noite é descrita como uma "Fonte sagrada de abuzões suaves", indicando que a noite junina é cheia de misticismo e crenças populares.

Alcaçáres

Plural poético de alcácer. Palácios ou fortalezas de origem moura. No poema "NO ERMO", a autora se refere às formações da floresta como "risonhos alcaçáres", atribuindo à natureza a nobreza e a grandiosidade de castelos.

Aljofar

Termo poético para pérolas pequenas e irregulares ou, por metáfora, para as gotas de orvalho. No poema "VISÃO", a autora descreve o amor como um "Limpido aljofar que das palpebras / De Christo rôla", comparando as lágrimas de Cristo a pérolas de orvalho que fertilizam o solo.

Antiste

Termo arcaico para um sacerdote, prelado ou bispo. É usado na epígrafe do poema "NO ERMO", comparando a entrada na floresta à de um sacerdote em uma catedral gótica.

Ardentia

Refere-se à fosforescência ou brilho das águas do mar, especialmente à noite. No poema "MIRAGEM", o oceano "Faz scintillar a ardentia", criando uma imagem de luzes misteriosas que brotam do mar revolto.

Arrabil

Ou Rabil. Instrumento musical de cordas, de origem árabe, considerado um ancestral do violino. No poema "VISÃO", a Esperança promete à poeta um lugar onde ela poderá vibrar "as notas do arrabil", evocando uma sonoridade antiga e bucólica.

Agrôres

Amarguras, aflições, sofrimentos agudos. No poema "A' REZENDE", a autora fala dos dissabores que a fizeram umedecer "com as bagas de [seus] prantos".

Alcatifa

Tapete, geralmente rico e ornamental. No poema "AVE-MARIA", o sol é personificado como um rei que "reclinado em rúbida alcatifa / Adormece no thalamo da gloria!".

Anathema

Anátema; maldição, excomunhão, sentença de reprovação. No prefácio, o autor descreve o poema "25 de Março" como um "anathema" e uma "ameaça", indicando seu tom forte e contestador.

Annaes

Anais; registros de eventos históricos ou literários, crônicas. No prefácio, o autor afirma que o talento de Narcisa Amália terá "uma consagração nos annaes do futuro".

Apostrophe

Apóstrofe; figura de linguagem em que o orador ou escritor se dirige diretamente a uma pessoa (real ou imaginária), a um ser inanimado ou a uma entidade abstrata. No prefácio, o poeta Ossian é chamado de "o rei da apostrophe" por seu uso frequente deste recurso.

Ascuas

Brasas, carvões ardentes. No poema "O ITA-TIAYA", a autora descreve um fenômeno da natureza (provavelmente o pôr do sol ou raios) com a imagem "envolvem-te as ascuas / Queimando o chão rociado".

Balsamicas

Que possui qualidades de bálsamo; perfumado, aromático, consolador. No poema "CASTRO ALVES", as brisas são descritas como "dulcinosas brisas lá do norte" que traziam "harmonias" à alma do poeta..

Barathros

Báratros; abismos, precipícios, lugares profundos. No poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", a autora afirma que a tirania lançou a pátria em "barathros profundos".

Bemdicto

Bendito; abençoado, sagrado. No poema "NEBULOSAS", a autora anseia pelo "bemdicto tufão" que trará a liberdade ao povo.

Brazão

Brasão; escudo de armas de uma família nobre ou nação. No poema "PESADÊLO", a palavra é usada como um símbolo do poder e dos privilégios da nobreza ("São trophéos — os sceptros regios, / Mitra, burél, e bração!") que a revolução destrói.

Caligens

Do latim caligo, significa névoa densa, escuridão, trevas. No poema "PRIMEIRA PARTE", a autora fala de "densas caligens" que a multidão supõe existir no céu noturno, e no poema sobre Castro Alves, diz que os versos do poeta "Cortarão as caligens das edades", ou seja, a escuridão da ignorância.

Carmes

Termo poético e arcaico para cantos, poemas ou versos. No poema "O AFRICANO E O POETA", a voz do poeta "concerta" (harmoniza) os "carmes sentidos" aos gemidos de seu coração.

Cecêm

Variante de "açucena", um tipo de lírio branco muito perfumado. No poema "RECORDAÇÃO", a amiga Adelaide é comparada a uma "alva cecêm do valle", uma imagem de pureza e delicadeza.

Chôréas

Coréias; na Grécia Antiga, eram danças corais em honra aos deuses. No poema "SETE DE SETEMBRO", o Brasil é descrito descansando "entre choréas mysticas", evocando uma atmosfera de ritual sagrado e antigo.

Clamydes

Clâmides; tipo de manto ou capa curta, usada por cavaleiros e viajantes na Grécia Antiga. A autora usa a palavra de forma poética para descrever a forma dos meteoros: "A seguir-lhes no espaço as longas clamydes / Orladas de incendiados meteoros".

Coruchéos

A parte mais alta e pontiaguda de uma torre ou pináculo. No poema "PESADÊLO", a autora descreve a Roma antiga com seus "fulgidos zimborios e lindos coruchéos".

Dacta

Data, dia assinalado. No poema "SETE DE SETEMBRO", a autora saúda o dia da independência como uma "dacta sublime".

Debeis

Débeis; fracos, sem força. É uma grafia arcaica comum na época.

Dédalos

Labirintos. A palavra é uma alusão a Dédalo, o arquiteto que construiu o Labirinto do Minotauro na mitologia grega. No poema "ITA-TIAYA", a liana (tipo de trepadeira) "forma dédalos / Na grimpada das canneleiras", criando uma imagem de caminhos tortuosos e emaranhados.

Doceis

Dosséis; coberturas ornamentais suspensas sobre troncos, altares ou leitos. No poema "ITA-TIAYA", as vastas cimeiras dos cedros "Formam doceis de verdura", ou seja, criam uma cobertura natural semelhante a um dossel.

Doudejar

Agir como doido; endoidecer, delirar. No poema "O BAILE", o "doudejar da multidão festante" descreve a agitação e a euforia das pessoas na festa.

Dryades

Dríades; ninfas das árvores e dos bosques na mitologia grega. No poema "LEMBRAS-TE?", a menção às dríades ("As dryades desdobram as azas transparentes") contribui para a atmosfera mágica e mitológica da paisagem.

Eburneo

Feito de marfim ou semelhante a ele na cor e na textura; alvo, pálido. No poema "MIRAGEM", o raio de sol "doire a cabelleira" da cordilheira, e em "VÊM!", o rio Paraná é descrito como um "galho eburneo" do Mirantão.

Écloga

Écloga; pequeno poema de tema pastoril ou bucólico, geralmente apresentando diálogos entre pastores. No poema "A Imprensa", a autora descreve o jornal como uma "écloga de progresso", uma representação idealizada e poética do avanço social.

Effluvios

Eflúvios; emanções ou odores, geralmente agradáveis; perfumes. No poema "VÊM!", a autora deseja sorver os "virgineos effluvios d'esta selva".

Elysio

Elísio; na mitologia greco-romana, os Campos Elísios eram o paraíso, um lugar de felicidade eterna reservado às almas dos heróis e virtuosos. A palavra é usada diversas vezes no livro como sinônimo de paraíso ou de um lugar de beleza perfeita e divina.

Fâmula

Do latim famula, significa serva, criada, auxiliar. No poema "PRIMEIRA PARTE", a "fâmula da idéa" é uma personificação da inspiração ou do pensamento que serve ao gênio do poeta.

Fanal

Farol, grande lanterna usada para iluminar ou guiar. No poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", a data histórica é descrita como um "Esplendido fanal que esclarecêra / A crente multidão!".

Fastos

Registros históricos, anais, crônicas. A palavra vem dos fasti romanos, que eram calendários de dias propícios e registros de eventos importantes. No poema "PESADÊLO", a autora anseia por ver um "feito altivo gravado / Nos fastos da patria historia!".

Fátuas

Adjetivo que pode significar tolas, presunçosas ou, neste contexto, algo que brilha e se apaga rapidamente. "Fatuas scentelhas" refere-se ao fogo-fátuo, uma chama pálida que surge sobre pântanos e cemitérios.

Favônio

Vento suave e agradável que sopra do oeste; Zéfiro. Na mitologia romana, Favônio era a personificação deste vento. No poema "JULIA E AUGUSTA", a autora descreve as ondas como sendo frisadas pelo "tibio sopro do favonio".

Flagício

Crime infame, ato vergonhoso, atrocidade. No poema "PESADÊLO", a pátria teria se curvado "ao flagício fratricida" ao permitir a execução do Padre Roma.

Frouxel

Penugem macia de certas aves; por extensão, qualquer coisa muito fofa e delicada. No poema "PRIMEIRA PARTE", o espírito do mártir do calvário é arrebatado ao céu "No macio frouxel de seus fulgores", uma imagem de delicadeza e luz.

Gazil

Gracioso, elegante, esbelto. No poema "CASTRO ALVES", as flores são descritas como "flôres gazil" e em "JULIA E AUGUSTA", a ternura é "gazil".

Gélido

Gelado, glacial, muito frio. É uma grafia arcaica. A autora utiliza a palavra em várias passagens para descrever sentimentos ou paisagens, como "gélidos pallôres" e "gélida beleza".

Genuflexa

Ajoelhada, prostrada em sinal de respeito, adoração ou súplica. No poema "NEBULOSAS", a "raça" (o povo) "genuflexa rebrama", ou seja, clama de joelhos.

Gladío

Gládio; espada curta, usada pelos legionários romanos. É usada poeticamente como sinônimo de espada. No poema "PESADÊLO", o "gladio soberano" de Cromwell atira a frente do tirano ao pó.

Halito

Hálito; sopro, ar expirado. No poema "OS DOUS TROPHÉOS", o "halito" de Victor Hugo extingue a luz maléfica.

Harqueja

Arquejar; respirar com dificuldade, ofegar. No poema "FRAGMENTOS", a alma da poeta "delira, palpita, harqueja e chora".

Haste

Haste, caule fino de uma planta. No poema "NOCTURNO", a "flôr nevada" se dobra em sua "haste recurvada".

Herculea

Hercúlea; que tem a força de Hércules, o herói da mitologia grega. Refere-se a algo de grande força ou tamanho. No poema "NO ERMO", a liana (trepadeira) se une à "herculea cangerana", uma árvore robusta.

Hosannas

Hosanas; aclamações de louvor e adoração de origem hebraica. No poema "A FESTA DE S. JOÃO", o levita (sacerdote) curva-se "Erguendo ao Senhor hosannas".

Idyllios

Idílios; poemas curtos sobre temas pastoris, campestres ou amorosos. A palavra também pode se referir a um amor terno e ingênuo. A autora usa o termo diversas vezes, como no poema "PESADÊLO", onde "cantam idyllios os tímidos pastores".

Ignaro

Ignorante, que não tem conhecimento. No prefácio, a "sanha" (raiva) dos "poderes coléricos" (tiranos) "cresce ignara", ou seja, cresce de forma cega e ignorante.

Igneo

Ígneo; que é de fogo ou a ele se assemelha; ardente. No poema "MIRAGEM", um "raio ardente, igneo" simboliza um sonho ou esperança.

Ignota

Desconhecida, ignorada. No poema "AMOR DE VIOLETA", a violeta é chamada de "flôr ignota" porque a virgem passa por ela e colhe outra flor.

Incólumes

Ilesos, que não sofreram dano ou lesão. No poema "OS DOUS TROPHÉEOS", as "phalanges incólumes" do povo são descritas como "vagas do progresso", que avançam sem serem detidas.

Juncam

Cobrem, espalham, forram. No poema "RESIGNAÇÃO", a autora lamenta que apenas "agros abrolhos" (espinhos amargos) "juncam" (cobrem) seu caminho.

Jungia

Unia, atrelava, subjugava. No poema "OS DOUS TROPHÉEOS", é dito que o "chefe gigante" (Napoleão) "jungia" o povo titã, ou seja, unia-o sob seu comando.

Junquilha

Tipo de flor ornamental, da família do narciso, conhecida por seu perfume. No poema "A ROSA", a flor lamenta sua sorte e diz que em vão ("em balde") inveja o viço do junquilha.

Lagem

Laje; pedra sepulcral. No poema "A NOITE", a noite é descrita rociando com seus prantos "a lagem tosca / Da fria sepultura".

Lêda

Contente, alegre, risonha. No poema "RESIGNAÇÃO", a autora recorda os "delírios da lêda mocidade".

Lenho

Madeiro. A palavra é frequentemente usada em um contexto cristão para se referir à cruz de Cristo ("o infame lenho"). Também é usada como metáfora para um fardo pesado, como o "lenho / Do trabalho" que o gênio arrasta.

Levita

Na tradição bíblica, um membro da tribo de Levi, que auxiliava nos serviços do templo. Por extensão, um sacerdote ou clérigo. No poema "A FESTA DE S. JOÃO", o "levita" se curva no altar para abençoar a multidão.

Libe

Do verbo "libar", que significa beber em pequenas quantidades, sorver ou, em um sentido ritualístico, fazer uma oferenda de bebida a uma divindade. No poema "A

FESTA DE S. JOÃO", a autora pede à noite: "Deixa que eu libe teus harpejos graves".

Lidador

Aquele que lida; lutador, combatente, guerreiro. No poema "PESADÊLO", Rienzi é descrito como um "lidador com santo entusiasmo" tentando salvar a Itália.

Luctulenta

Lutulenta; que está coberta de lodo, suja. Também pode significar lúgubre ou fúnebre. No poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", a autora clama "Rasgae, rasgae a folha luctulenta", referindo-se à mancha da escravidão na história do Brasil.

Manes

Na religião da Roma Antiga, os Manes eram as almas dos mortos, considerados como divindades domésticas. Invocar os "manes dos heróis" é pedir a intervenção ou lamentar o esquecimento dos espíritos dos grandes homens do passado.

Marêa

Mancha, suja, desonra. Na epígrafe do poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", o poeta Celso Magalhães clama: "Lave-se a nodoa infame que marêa / O refulgente nome do Brazil", referindo-se à escravidão.

Maviosa

Suave, melodiosa, doce. No poema "A FESTA DE S. JOÃO", a lua "penetra no salão" para ouvir a "falla maviosa" (fala melodiosa) de uma jovem.

Mellifluo

Melífluo; que flui como o mel, excessivamente doce, suave. No poema "O SACERDOTE", o lábio do vigário foi ungido pelo "mellifluo verbo", ou seja, pela palavra doce e consoladora.

Mésse

Colheita de cereais; safra. É usada poeticamente para se referir a uma recompensa futura ou a um resultado abundante. Em "A NOITE", o "pobre, em aureos sonhos, transportado, / Contempla a mésse que promete o estio".

Monodias

Na Grécia Antiga, era um canto fúnebre entoado por um só ator no teatro. Por extensão, significa qualquer canto triste ou lamento. No poema "SCISMA", o eu lírico recorda as "dolentes monodias / Que na lagôa canta o pescador".

Myrtho

Mirto; arbusto consagrado à deusa Vênus/Afrodite na antiguidade, cujos ramos eram

usados para tecer coroas para poetas e heróis. No poema "NO ERMO", a autora se queixa à pátria: "Não me offertas um myrtho se quer!...", lamentando a falta de reconhecimento.

Nácarada

Da cor do nácar (ou madrepérola); branco-brilhante, perolado. No poema "LINDA", a "petala nacarada" da flor sente inveja do arrebol.

Náos

Naus; forma arcaica e poética para navios ou embarcações de grande porte. No poema "PESADÊLO", a autora descreve almas intrépidas que "Enchem náos almirantadas".

Nardos

Plural de nardo, um tipo de planta de cujas raízes se extraía um perfume muito valioso na antiguidade. No poema "NO ERMO", a autora descreve "bagas preciosas / De cristalinos nardos".

Nefasto

Que traz desgraça, funesto, sinistro. No poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", a Constituição (ou o regime) é comparada ao "symbolo nefasto / Do traidor Antitheo".

Nenuphar

Nenúfar; planta aquática, como o lótus ou a vitória-régia. No poema "LEMBRAS-TE?", os "alvos nenuphars se occultam nas correntes" com a chegada da noite.

Nívea

Branca como a neve, alva, muito clara. No poema "A FESTA DE S. JOÃO III", o rubor "na face nivea assoma".

Nódoa

Mancha, mácula, desonra. Na epígrafe do poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", a "nodoa infame" que mancha o nome do Brasil é uma referência direta à escravidão.

Noctívago

Notívago; que anda ou vagueia durante a noite. No poema "VÊM!", o "bello sêr noctivago" é uma personificação do Sono.

Nopália

Gênero de cactos (como a palma forrageira), que produzem o figo-da-índia. No poema "O ITA-TIAYA", a "nopalia" cobre o solo ("Tapeta o sólo a nopalia").

Obumbrada

Obscurecida, coberta com sombra, encoberta. No poema "PESADÊLO", a Prússia clama: "« Quero rapida / A vossa gloria obumbrada »", desejando ver a glória da França ofuscada..

Olente

Odorante, perfumada, cheirosa. No poema "AMOR DE VIOLETA", a violeta vivia "Na sombra da campina olente, formosissima".

Ondina

Espírito elemental da água na mitologia e folclore europeu. As ondinas são frequentemente mencionadas nos poemas para criar uma atmosfera mágica e etérea ligada à natureza aquática.

Optação

Opção; o ato de escolher, preferência. No prefácio, o autor diz que a "optação" na poesia de Narcisa Amália "tem ali a sua magestade", elogiando as escolhas estilísticas da autora..

Palladio

Paládio; proteção, salvaguarda, amparo. A palavra é uma alusão à estátua sagrada da deusa Atena que protegia a cidade de Troia. No poema "A FESTA DE S. JOÃO", a "celeste uncção" (o batismo) é o "palladio" que vence a heresia infernal.

Pampeiro

Vento frio e forte que sopra do sudoeste, característico da região dos pampas, no sul do Brasil. No poema "SETE DE SETEMBRO", os "ósculos ardentes do pampeiro" (beijos ardentes do vento) encham o "gigante adormido" (o Brasil) de vigor.

Páramo

Terreno elevado, plano, frio e desabitado. No poema "VÊM!", a lua "no páramo intérmino fluctua".

Patíbulo

Patíbulo; cadafalso, o local onde se executavam os condenados à morte. No poema "O SACERDOTE", o sacerdote acompanha até o "vil patíbulo" o homem que a justiça esmaga.

Quartzito

Quartzito; tipo de rocha muito dura, formada essencialmente por quartzo. No poema "O ITA-TIAYA", a "legendaria verbena / Corôa o negro quartzito!", descrevendo a flora resistente que cresce sobre as rochas da montanha.

Quêdo

Quedo; quieto, imóvel, sereno. No poema "AMARGURA", a autora pergunta a Deus

por que embalar seu "quêdo pensamento" (pensamento tranquilo) se as glórias do mundo são passageiras.

Queixumes

Queixas, lamentos, gemidos. No poema "SAUDADES", a autora recorda como escutava os "queixumes / Das auras na lagoa adormecida!".

Raymunculoso

Ranunculoso; que pertence à família das ranunculáceas (plantas como o ranúnculo ou a anêmona). No poema "O ITA-TIAYA", a anêmona se ostenta em seu "caule raymunculoso".

Rebôa

Reboa; soa com estrondo, retumba, ecoa. No poema "OS DOUS TROPHÉOS", o gemido da cascata "rebôa nos campos aerios".

Replecta

Repleta; cheia. No poema "NO ERMO", a fantasia volta "Replecta de esplendores".

Rosiclér

Rosicler; a cor rosada e clara do céu ao amanhecer ou ao entardecer; a aurora ou o crepúsculo. No poema "O BAILE", a chama da festa empalidece "Ao rosiclér incerto!".

Sajidades

Gracejos, ditos picantes ou maliciosos. No prefácio, o autor critica a "litteratura-arteza" (literatura artificial) que vive "distillando bellas sajidades e obscenas audacias".

Saxeos

Rochosos, pedregosos. No poema "NEBULOSAS", a autora questiona: "Qu' importa que os saxeos montes [...] Clamem do ar n'amplidão".

Scirrus

Cirro; tipo de nuvem alta, branca e filamentosa. No poema "O ITA-TIAYA", a autora descreve poeticamente as nuvens da aurora como "O scirrus que adorna a aurora".

Sederios

Siderais, celestes, estrelados. No poema "O AFRICANO E O POETA", o poeta deseja elevar os mistérios terrenos "Aos paços sederios" (palácios celestes).

Sendalio

Sendal; tecido muito fino e leve, de seda ou linho. É usado poeticamente para se referir a véus ou mantos. No poema "VINTE E CINCO DE MARÇO", o "sendalio tenebroso" que cobria os horizontes do Brasil foi rasgado.

Serros

Serras, montes. No poema "RESIGNAÇÃO", a autora descreve como "voava feliz nos invios sêrros" (serras inacessíveis).

Syllepse

Silepse; figura de linguagem em que a concordância se faz com a ideia, e não com a forma gramatical da palavra. No prefácio, o autor elogia o uso de figuras de linguagem por Narcisa Amália, citando que "as syllepses andam em todo o livro tão obedientes".

Sylphos / Sylphide

Silfos / Sílfige; na mitologia e folclore europeu, são os espíritos elementais do ar. A autora os utiliza para criar uma atmosfera etérea e mágica, como em "E os sylphos se embevecem" e "O' sylphide embalada em névoas vaporosas!".

Tateia

Apalpa, sonda, explora com o tato. No poema "SETE DE SETEMBRO", a autora descreve o Brasil como "Calmo como a Sybilla que tateia / Mysterios do porvir!".

Tétrico

Lúgubre, sombrio, fúnebre. No poema "VÊM!", as sombras se desdobram "tétricas".

Thálamo

Tálamo; o leito nupcial. É usado poeticamente para se referir a um lugar de repouso, união ou glória. No poema "AVE-MARIA", o sol "Adormece no thalamo da gloria!".

Threnos

Trenos; cantos fúnebres, lamentos, lamentações. No poema "A NOITE", a autora diz que "Concerto os threnos que o soffrer me inspira".

Triclinio

Triclínio; na Roma Antiga, era um sofá onde três pessoas se reclinavam para comer. Por extensão, refere-se à sala de jantar. A autora usa o termo de forma crítica: "As terreas potestades, que fallecem / De morbidez nos flascidos triclinio!".

Tropheos

Troféus; prêmios por uma vitória. No poema "PESADÊLO", os "sceptros regios" (cetros dos reis) se tornam "trophéos" da revolução.

Tumular

Relativo a túmulo, sepulcral. No poema "O SACERDOTE", a luz da ideia do mártir se opõe "á treva tumular do mundo".

Ungida

Que recebeu a unção; sagrada, consagrada. No poema "NEBULOSAS", a autora questiona quando a "raça" (o povo) irá se "Erguer-se de pé, ungida, / Das crenças livres na chamma?".

Urzes

Plural de urze, um tipo de arbusto de galhos finos e flores pequenas, que geralmente cresce em solos pobres e ácidos. No poema "FRAGMENTOS", a poeta deseja "Esquecer-me das urzes da existencia", usando a planta como metáfora para as asperezas e dificuldades da vida.

Valado

Vallado; cerca, muro ou tapume que delimita uma propriedade. No poema "O AFRICANO E O POETA", o eu lírico lamenta ter deixado seu "patrio vallado", referindo-se à sua terra natal cercada e protegida.

Vascas

Ânsias, agonias, convulsões. No poema "PESADÊLO", o povo oprimido tem seu sangue espargido "Nas vascas da confusão".

Veiga

Planície fértil, geralmente à beira de um rio. No poema "MANHÃ DE MAIO", a autora fala em deixar a cidade para encontrar a "veiga" que "guarda a olencia apaixonada e meiga".

Vellido

Aveludado, macio como veludo. No poema "O ITA-TIAYA", o canto da poeta é levado "nas azas vellidos" (asas aveludadas) para a serra gigante.

Vergel

Pomar, jardim com árvores frutíferas e flores. No poema "NO ERMO", a lua "brinca nos vergeis fulgentes" (jardins resplandecentes).

Voláteis

Que voam. No poema "MANHÃ DE MAIO", os "volateis psalmistas do sertão" é uma metáfora para os pássaros e seus cantos.

Zimborios

Zimbório; cúpula ou domo de um edifício, geralmente uma igreja ou palácio. No poema "PESADÊLO", a Roma Antiga é descrita com seus "fulgidos zimborios e lindos coruchéos".

PREFACIO

1

*Jlira dichurl estis. T. L.
Dictareis a lei.*

É uma lição digna de se imitar, embora perdida no vasto recinto da ignorância, a publicação de um livro.

Um dos nossos folhetinistas já liquidou a causa do marasmo litterario¹, qualificando de indiferença esse torpor que envelhece uma nova sociedade. — Artes e Lettras — Reforma de 1870.

Denuncia essa peste o nosso primeiro escriptor, J. de Alencar. Somos de hontem, ainda não temos a nossa historia antiga, e vivemos sob o império do desanimo.

Quando em uma nação, as artes, as letras, as sciencias cumprem o inglorio destino da planta que nasce, vive e morre dos abysmos de um subterraneo, ou o do mendigo na festa do opulento, e representam o papel humilde de uma nave arruinada, de um campanario sumido nas heras, entre os sumptuosos palacios da cidade vaidosa, essa nação tem chegado ao seu ultimo grão de decadência. N'essa hora triumpham os analphabetos, os mercadores de escândalos, os demolidores de tudo quanto é nobre e principalmente do que constitue o orgulho de um paiz — a sua gloria litteraria.

Profundando o coração do povo, Addisson, Balzac, La Bruyère, Laroche foucauld e outros quizeram explicar a ingratição do publico, esse equivoco soberano de todas as idades, o qual, nem Buffon, nem os modernos naturalistas e escriptores politicos classificaram e definiram.

O publico de hoje, como o de todos os tempos, sevandija a virtude e ajoelha ao vicio; proscree o crime e deifica a probidade.

O publico! é uma torre de ventos

— Vemos os bons descabidos
E os mãos mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtudes cabidos
Por meios falsificados.

— Vemos honrar lisongeiros
E folgar com murmurar,
E caber mexeriqueiros,
Os mentirosos medrar
Desmedrar os verdadeiros.
Garcia de Resende.²

Assim foi, começou com o mundo, não o podemos reformar.

¹ O "marasmo literário" foi um termo usado para descrever um período de aparente estagnação na literatura brasileira após o auge do Romantismo. A menção a "Artes e Lettras" e "Reforma" refere-se a publicações em periódicos da época, como o jornal *A Reforma*, um importante veículo liberal que circulou no Rio de Janeiro a partir de 1869.

² Garcia de Resende (c. 1470–1536) foi um poeta e cronista português do período do Renascimento, organizador da importante coletânea *Cancioneiro Geral*. O autor do prefácio cita este poema antigo para argumentar que os vícios sociais, como a desvalorização dos virtuosos e a ascensão dos desonestos, são problemas que atravessam os séculos.

2

O desenvolvimento intellectual da humanidade, os períodos de harmonia entre as raças e as descobertas do espirito humano, todos esses authenticos monumentos das victimas pacificas do talento, faliem e attestam a influencia da litteratura sobre a forma poetica e politica.

Quer se investigue a phenomenologia da consciencia, quer os actos da intelligencia, quer as formas abstractas e subjectivas do pensamento nas suas periodicas revoluções do mundo ontologico, acharemos a poesia exercendo a sua legitima inífluencia.

Percorrendo-se a idade de opposição, de variedade; analysando-se as epochas da formação dos caracteres escriptos, da linguagem e a nova união de cousas, da moral social, da felicidade domestica, da harmonia com as sciencias, com as artes, com a religião, nós reconhecemos que a poesia tem uma acção eíficaz, reflectida, que preside a todo o constitutivo orgânico das epochas e do povo, noção esta que nos está ensinando a philosophia da historia e o Direito Natural.

Confessemos : — Um livro de versos é uma lição. Ariosto, Dante, Tasso, Cervantes, Lope de Vega, Martinez, Racine, Béranger e Hugo, Optitz, Wesland, Goethe, Pope, Dryden, Shakespeare, Byron, Camões, Ferreira, Bocage, Basilio da Gama, Gregorio de Mattos, Magalhães, formam o concilio ecumenico da poesia, d’onde vieram até nós, não os dogmas, não as contradicções e ultrages á razão, mas os aphorismos que constituem o codigo da humanidade.

O livro de versos tem sido lição aos reis ; a palavra de ordem dos povos civilisados, orbita ao redor da qual mundo gyra.

A poesia póde dizer :

— Eu illumino a historia !
 — O que ella occulta, eu denuncio !
 — Eu levanto do tumulto os heroes ; vingo os martyres ;
 puno os traidores.
 — Eu sou a gloria — o sol dos mortos !

Que o diga a eternidade, e que conteste
 O tempo, a terra, a humanidade inteira.

A minha rival, a arte, poderia dizer:

— Sou uma cidadã dos séculos futuros! \
 — Eu a antecedi; eu a hei de exceder.
 — Fui o gênio de todos os cultos, de todas as seitas.
 — Servi ao odio, á inveja; servi mais á caridade, ao
 entusiasmo,
 ao direito, á verdade, á justiça, a China.

“ O murado redil, a terra inpervia,
 Retrahida dos povos pelo orgulho
 Do bonzo mercenário, avesso á cruz, “ foi o meu feudo.

— “ Asia ³! que encerras da natura os dotes
E do mundo moral a — prisca origem,
Desde a plaga da luz, mãe da palmeira.
Té a noite polar, que alenta o pinho,
Sôe o teu nome para gloria eterna. “ —
Era teu seio vivi, deixei-te oppressa.
Punida no castigo de teus sonhos.

³ Os trechos em verso:

“ *O murado redil, a terra inpervia, Retrahida dos povos pelo orgulho Do bonzo mercenário, avesso á cruz, “e “
Asia ! que encerras da natura os dotes E do mundo moral a — prisca origem, Desde a plaga da luz, mãe da
palmeira. Té a noite polar; que alenta o pinho, Sôe o teu nome para gloria eterna. “* são citações do poema épico
A Confederação dos Tamoios (1856), de Gonçalves de Magalhães. Os versos são utilizados para ilustrar a
abrangência e a influência universal da arte.

3

Presentemente a poesia que ideia social aduz ou combate?

Que lei moral ataca ou defende?

Vivemos, como outros povos, de uma poesia emerita⁴?

Ha ganhadores, assalariados, mercenários venaes como esses que se alugam á politica, imbecis que fingem ignorar que sempre se depende da mão que paga ?

Não sabem que o seu apostolado é um charlatanismo criminoso, um roubo organizado que exercem contra a dignidade dos escriptores honestos, dos litteratos, dos homens de letras, únicos sacrificados n'este paiz ?!

Pregando a vilania dos sentimentos, negam aos outros o que não possuem, embora se lhes grite :

— O que se aluga VENDE-SE!

⁴ O adjetivo "emérta", do latim *emeritus*, refere-se a algo ou alguém que, tendo servido por muito tempo, agora desfruta de honras e aposentadoria. Ao falar em "poesia emérta", o autor questiona se a literatura da época estaria vivendo apenas das glórias do passado, de forma passiva e sem criar novas relevâncias, em vez de ser uma força ativa e combatente no presente.

Creio nos esforços da litteratura contemporânea.

Cada povo tem faculdades primitivas e necessidades particulares. As ideias arraigadas nos hábitos d'esse povo, não cedem seu imperio, senão depois de combates porfiados e lutas sanguinolentas. É por isso que ante as conveniências da politica e as necessidades da industria a poesia não se justifica,

Eu sei que a rotina, economicamente fallando, tem a sua justificação ; portanto amnistiemos desta batalha a Industria e digamos porque é opposta á politica.

Tem o seu fundamento historico sem ter o racional, a demonstração.

A politica tem sido e continuará a ser, em muitos casos, e em muitos paizes, a arte e a sciencia dos nullos e per versos.

Luiz XI, apesar dos seus officiosos biographes, é um cynico; Voltaire, Montaigne e Montesquieu, por orgulho

politico, quizeram explicar os dogmas e os segredos das instituições. Tudo confundiram. Talleyrand foi mais celebre pela hypocrisia que pelo seu genio. Elle, outros, e muitos, e n'esse numero alguns dos nossos pretensos estadistas que fazem praça de muito sagazes, são desdenhados. Voltaire politico, é um intrigante inepto; mas o poeta da solidão de Femay, era um castigo dos déspotas.

Rousseau é admirado unicamente n'aquellas obras em que o philosophe ou o politico é vencido pelo poeta.

Entremos ou penetremos a nossa lareira.

Atados á galé da politica, vemos Pedro Luiz e Bittencourt Sampaio, naufragos, mar em fora, ludibriados pelas

mesmas ondas que d'ali os arrancaram

Como a imagem da — Esperança — nas lendas pagãs, José de Alencar tem um braço no céu e outro na terra.

Teimam e insistem, lutam e sustentam um dia artificial em plena escuridão, Joaquim Serra, Celso Magalhães, Salvador, Menezes, C. Ferreira e F. Tavora.

Agora vem Narcisa Amalia.

Contra estes vejo uns fabricantes de automatos, arrêados de lôdo, cheios de ignorância, que nos detestam e nos perseguem.

Sim; eu creio nos esforços da litteratura, nos resultados efficazes da poesia.

O lyrismo que tem sido a feição predominante da infancia de todos os povos, não baptizou o nosso berço de nação livre, mas nos acompanhou nos jubilosos dias da conquista da nossa autonomia nacional. A poesia lyrica brasileira teve entre nós bons, e poucos representantes. Occupou o primeiro lugar Gonçalves Dias, o poeta cosmopolita; é seu continuador, com muita inferioridade, Teixeira e Souza, a quem devemos muito como romancista; pouco, como poeta lyrico.

Já levantou uma estatua a Gonçalves Dias a sua provincia natal; deve, a do Rio Grande ao cantor do Colombo, e a do Rio de Janeiro, ao cantor dos Tamoyos.

Se ainda este povo fôr susceptivel de raciocinio, tenho fé que o José Bazilio merecerá qualquer memória de pedra ou um poema de bronze.

O assumpto do poeta no Poema— Uruguay — é a guerra que a Hespanha e Portugal tiveram de sustentar contra os índios de Missões, porque, por um tratado celebrado a 16 de Janeiro de 1750 entre as duas nações, ficavam pertencendo a Portugal as terras que os Jesuitas possuíam na parte oriental do Uruguay. Estes incitam os Índios a resistir. Hespanha e Portugal mandam suas tropas combatel-os; Gomes Freire de Andrade commanda o exercito portuguez.

Outros trabalhos de José Basílio, que ainda valem hoje prêmios que elle não teve, o recommendam á gratidão nacional, porque elle nos traçou a figura do jesuita d'aquella e d'esta epocha, e ferio o despotismo até donde a sua imaginação lhe offereceu armas.

Teixeira e Souza, já por mim quasi esquecido neste momento; todo esquecido da patria que o deixou por muito tempo mendigar, ensaiou a epica no seu poema A Independencia do Brazil. Magalhães é o epico dramatico, o formador ou creador da nossa litteratura.

Não venham, amanhã, os alcaides das lettras perguntar-me se Joaquim Manoel de Macedo, Alencar e outros não são litteratos, não fazem litteratura. Ha tanta ignorancia, que nem por estar pesado e medido pelo Dr. Moreira de Azevedo o nosso periodo litterario, tenho visto inverter-se o que os meninos já decoraram nas aulas.

Magalhães creou a litteratura; Porto Alegre a desenvolveu, Macedo a propagou, Alencar corrigio-os fazendo a critica e formando a mais completa litteratura, dando os ultimos toques nas grandes télas d'aquelles mestres e apagando os borrões.

Fallava dos poetas lyricos.

Mais energico nas imagens e muitas vezes de mais elevação, foi Casimiro d'Abreu.

Alvares de Azevedo foi o cantor da morte; foi um genio. Bernardo Guimarães, bucolico, elegiaco, lyrico, decidiu-se por uma fôrma, uma escola mais preferida entre todos os litteratos.

A poesia epica tem tido poucos representantes. Conheço alguns ensaios, e boa promessa considero o Riachuelo de S. Pereira, outro de Zepherino, e alguns fragmentos, os quaes não são a Epopea da Guerra.

A poesia dramatica tem poucos cultivadores. O creador do theatro moderno queimou as Azas de um anjo; Pinheiro Guimarães discute sobre eleições, e prelecciona na cadeira de medicina; Varejão não é mais o Achilles; Machado d'Assis cazou-se; França Junior é um cofre; Joaquim Serra não foi mais a Roma; Sizenando Nabuco está envolto na sua tunica; Joaquim Pires não faz mais Demonios; Menezes adormecem á sombra da mancenilha; Salvador espera outro — Bobo —, e José Tito faz Charadas Politicos.

— Como as vozes do mar n'um canto d'Ossian
Poucas vezes os ouço — passam longe.

Não precisamos de imaginações sonhadoras e mysticas como os poetas do Oriente para enriquecer o theatro; ha assumptos na nossa historia para os dramas maritimos, militares, politicos.

Porque é que a idade média tem um caracter de originalidade, cuja lembrança exalta ainda hoje, depois de tantos seculos, a imaginação dos romancistas e dos poetas? É porque os trovadores vulgarisaram a historia dos amores, das victorias politicas, dos combates guerreiros, os sentimentos de patriotismo.

Eu ainda ignoro para que fim destina o Sr. ministro o seu Conservatorio.

—

Erige-te!

Narcisa Amalia será a impulsora e o ornamento de uma época litteraria mais auspiciosa que a presente. Hade redigir os aphorismos poéticos, como Aristóteles escreveu os da natureza.

Na historia da nossa litteratura, o seu entusiasmo moral, que é um culto do seu talento, terá uma consagração nos annaes do futuro desta legião de intelligencias que está celebrando as glorias do presente. Não a conheço, mas eu imagino que em seu rosto a tristeza occupa o logar da alegria.

— “A funda melancolia
Não seguiu-a desde a infancia,
Deus não fel-a triste assim...
Houve na sorte inconstancia,
E se perdeu a alegria,
É de homens obra ruim.” —

• • • • •

A extremosa pureza dos seus pensamentos, o pudor da sua imaginação, bem inculcam que os seus paes lhe anticiparam um thesouro no abençoado curso da sua educação, no santo respeito da familia e amor da patria. Eu penso que o écho das suas palavras é um concerto de pezares. Ella aborrêce a canalha subalterna das lettras, porque ha uma canalha illustre que é mais fidalga que a nobreza de decreto ; essa, ella estima e applaude. Narcisa Amalia não é um typo; é uma heroína. Senio acaba de pedir que não elogiem os seus livros de prosa.

Eu peço que julguem o livro de N. Anamalia, livro que illumina a grande noite da poeseira brasileira. Quando houver um Conselho d'Estado ou um Senado Litterario, Narcisa Amalia terá as honras de Princeza das lettras. Este livro ha de produzir tristezas e alegrias. É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais illustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação. Delphina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Mattos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amalia é um talento feio, horrível, cruel, porque mata áquelles. Foram as suas antecessoras auroras ephemerass; ella é um astro com orbita determinada. Eu não critico, nem analyzo o livro, porque vejo, todos os dias, passar o lyrismo, o amor, a phantasia, a heroicidade, a gloria litteraria e artistica, como os vultos fataes nas tragedias antigas; vejo sempre em prolongado silencio, abafados, como aquelles comprimidos gemidos do Tiradentes, quando tomou posse do seu Pedestal.

5

Postera tradant.

Cantaste a Família, a Pátria e a Humanidade.

A família — pilar da pátria, a pátria — cruz dos tolos, a humanidade — loucura de Deos.

A escolha de um assumpto, a do ponto de vista, em que tanto se distinguem Bossuet e Mont'Alverne, na eloquencia sagrada; a escolha do momento e da extensão, que no romancista é mais desenvolvida que no historiador, vós a conheceis e praticaes como nos prescrevem as regras.

A escolha das circumstancias e dos contrastes, da topographia e seus accidentes, — vejo fundidas como relevo d'um escudo na descrição do Ita-tiaya, — onde vos admiro igual a Virgílio, quando elle descreve o repouso no meio da noite para fazer contraste com a agitação da rainha de Carthago⁵.

Um academico de S. Paulo, — João Cardozo de Meneze⁶s, hoje condestavel da politica, — já esteve muito perto da vossa imaginação quando descreveu a serra do Paranapiacaba.

ITA-TIAYA

Ante o gigante brasileiro,
Ante a sublime grandeza
Da tropical natureza,
Das erguidas cordilheiras,
Ai, quanto me sinto timida!
Quanto me abala o desejo
De descrever n'um harpejo
Essas cristas sobranceiras!

Vejo áquem os valles pavidos
Que se desdobram relvosos;
Profundos, vertiginosos,
Cavam-se abysmos medonhos!
Quanto precipicio indomito,
Quanto mysterio assombroso,
Nesse seio pedregoso,
Nessa origem de mil sonhos!

⁵ A referência é ao Canto IV da Eneida, a grande obra épica do poeta romano Virgílio (70 a.C. – 19 a.C.). Na passagem, a rainha de Cartago, Dido, atormentada pela paixão e pela iminente partida de Eneias, não consegue dormir, enquanto o resto do mundo repousa em paz. A comparação elogia a habilidade de Narcisa Amália em criar contrastes poéticos, equiparando-a a um dos momentos mais célebres da literatura universal.

⁶ João Cardoso de Meneses e Sousa (1827-1915), o Barão de Paranapiacaba, foi um poeta, jornalista e político brasileiro, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. A menção a ele como "condestável da política" (um termo arcaico para uma alta autoridade militar ou política) é uma forma de reconhecer sua proeminência na época, ao mesmo tempo que o elogia como um escritor que, assim como Narcisa Amália, se dedicou a descrever as paisagens brasileiras.

Ondulam ao longe murmuras
Aos pés de esguios palmares,
As florestas seculares
Cingidas pela espessura;
A liana forma dédalos
Na grimpá das canneleiras,
Do cedro as vastas cimeiras
Formam docéis de verdura.

As diferentes especies de descripção poetica enchem o seu livro em varios empregos. A topographia, em que Buffon foi um dos mais completos prosadores, tem em Narcisa Amalia a melhor interprete, na poezia. A Hypotypose impera nesta estrophe:

— "Salve! Montanha granitica!
Salve! Brazileo Hymalaia! Salve!
Ingente Ita-tiaya, Que escalas a immensidade!
Distingo-te a fronte valida, Vejo-te as plantas, rendida,
O meteoro incendiado,
A soberba tempestade!

Nestes e em todos os seus versos, as figuras de palavras andam a granel, em continuo atropello com as do pensamento.

A accumulção, figura que desenvolve e torna mais clara e mais sensivel a idéa principal; as hyperboles, que levam, as vezes, o espirito a extravagancias, de que se resentem Milton, Klopstock, Ossian — o rei da apostrophe, e muitos dos nossos poetas, occupam, em tempo appropriado, o seu lugar.

Exemplos de antitheses e epiphonemas vae a subtil intelligencia do leitor colhendo á medida que termina um hymno, ou idyllio.

Ella decora os seus pensamentos, como um carola enfeita um altar do sancto de sua devoção.

As figuras de ornamento, as aposiopeses, as gradações, as allusões, e as figuras de movimento e paixão se apostam e se disputam, em rivaes competencias, para exigir da critica a confissão de que ellas offerecem batalha.

Nesta poesia ha uma admiravel exuberancia de tropos, e a optação, — rarissima figura em os nossos livros de maior nome, — tem ali a sua magestade.

Os pleonasmos e as syllepses andam em todo o livro tão obedientes, como o porta-ordens d'um Estado-maior.

Este volume de poesias é um Templo; — quem o penetrar ha de vêr — dentro — *um altar construido de lagrimas!!*

A poesia 25 de Março é um anathema, é uma ameaça. Não conheço muitas que estejam n'aquella altura.

Resende, — é a monographia d'aquelle sempre luctuoso edificio que se levanta no exilio, — a saudade.

Releve-me a distincta litterata não ir cotejando aqui uma por uma as suas poesias.

Eu as comparo aos hymnos da alvorada; um, tem a affinação dos outros, o mesmo encanto, a mesma seducção; nos inebriam e nos elevam a querer comprehender o sublime, tudo quanto ao céu se ergue.

Começou a poesia lyrica com o homem.

É tão velha como a humanidade; entretanto é sempre nova!

Primeiro cantou Deus; depois o heróe, os reis, os sanctos.

Os hymnos, as odes sacras, os canticos, os Psalmos, o *Magnificat* da Sancta Virgem, esse grito do crente no meio do terror, o *Cantemus Domine*, o Benedictus do Propheta, o catico dos Anjos, o *Te-Deum*, essa inspiração de Santo Ambrosio, são os braços da poesia lyrica, e nenhuma outra gosa dessas prorogativas.

Os *Dois Tropheus*, que é um poema, tomou a forma de uma ode heroica, genero mais difficil na composição lyrica.

Se ha um governo capaz de comprehender as allusões e ironias da poetisa; se ha, então as passadas injustiças serão vingadas, a quelle patrimonio de brios conculcados será resgatado.

Como exemplo de ode heroica eu só conheço capaz de se aproximar a essa de Narcisa Amalia, não na elevação de pensamentos, mas na rigorosa obediência ao genero, aquella ode de Lebrun, cantando a ruina de Lisboa, destruida pelo terremoto de 1755.

Quando neste paiz a Republica Politica galardoar os benemeritos da Republica Litteraria, Narcisa Amalia exercerá a sua dictadura.

Tem ella cantado o amor da virtude, da gloria, e da patria.

Não é descrente por móda, como foram os imitadores de Musset; não é sceptica como os de Goethe, é republicana como Schiller, como Tetis da Cunha, e Landulpho⁷; é intransigivel como a fatalidade. Gonsalves Crespo e Campos Carvalho, academicos brasileiros em Coimbra, ao receberem este livro hão de se possuir de entusiasmo.

Coimbra — a magica cidade
Dos infortunios de Ignez.

Podia ser o throno do talento de Narcisa Amalia, porque ella comprehende porque angustias passou aquella martyre pode fazer os commentarios da desgraça do principe e da rainha depois de morta.

Deve a autora das Nebulosas escrever um Poema Didactico, e se vierem açoutal-a os ventos da inveja e os mil desdens da ignorancia atrevida, deve escrever — um *Poema Epico*. É a tendencia da sua indole litteraria.

Estreou-se emancipada da poetisa-virgem, do verso-compendiario, da litteratura-artezã, que a hi vivem estucando e distillando bellas sajidades e obscenas audacias.

Hade vir a epocha em que o sentimento de patriotismo reivindicará os nomes desses talentos extraordinarios.

Seu stylo vigoroso, fluente, academico; a riqueza das curvas, tão euphonicas, tão reclamadas e necessarias ao verso lyrico, suas convicções fallando á alma e á imaginação, justificam a sua já precoce celebridade, confirmam a sua surpreendente e rapida appareição, procedida do respeitoso coro da critica sincera e grave.

Ha uma nota dominante em seu espirito que põe em afflictivo conchego a dôr sem consolo no lar da tristeza. Quando a sua grande alma quer-se divorciar do seu grande coração — ambos se petrificam.

Não sabe fingir, nem falsificar.

Em seus versos se conhece que ella é indifferente aos nossos capitaes, ás nossas fortunas e riquezas, e lhe causa tedio tudo quanto a rodeia.

A fé — que aplanou os abysmos; a crença que aplanou as montanhas, vivem em seu espirito. Fé nas conquistas do talento; crença em seus esforços para encaminhar a sua timidez até a hora de a transformar n'um poder.

Tem o seu livro imagens novas, figuras pomposas que pedem nova rhetorica e que se invente nova Poetica.

Do estudo rapido que fiz notei que não quiz aprender a doutar a trivialidade com grandes palavras e banalidades grandes, o que tem valido a muita gente uma falsa reputação de sabia.

Em sua prosa poetica, em alguns artigos que li no *Echo Americano*, na *Revista Artes⁸ e lettras*, de Lisboa, se mostra que a sua intelligencia não está ao serviço da frivolidade.

⁷ Aqui são agrupadas três figuras de diferentes universos literários para ilustrar a ideia de "fatalidade". **Friedrich von Schiller** (1759-1805) foi um dos mais importantes poetas e dramaturgos da Alemanha, associado ao Romantismo. **Tétis da Cunha** e **Landulpho** são personagens menos conhecidos, provavelmente de romances ou lendas da época, usados como arquétipos para reforçar o argumento do autor.

⁸ A menção a estes periódicos ressalta a projeção de Narcisa Amália para além da imprensa local. O *Echo Americano* era um jornal literário publicado no Rio de Janeiro. A *Revista de Artes e Letras* era uma publicação de Portugal, o que demonstra que o trabalho da autora já circulava e era lido do outro lado do Atlântico.

Se ella governasse, nem os papas, nem os reis teriam horas certas para o descanso.

Ha em todas as suas composições poeticas um ponto de fixidez imaginativa que anda ao par da vivacidade de emoções, e a expressão do sentimento é sempre forte e concisa.

A sua individualidade litteraria accusa um character leal e capaz de todos os sacrificios pelas grandes causas.

Sabe ajustar o estylo ao assumpto ; é elegante nas descripções mais breves ; tem graça e doçura a sua linguagem quando descreve a vaidade das outras mulheres. O baile é um modelo de satyra, de sarcasmo, de ironia discreta.

Os litteratos brasileiros dirão o que eu não sei narrar,nem conhecer para expôr.

6

Theophilo Braga⁹, Luciano Cordeiro, Cesar Machado, Adolpho Coelho, Bulhão Pato, Gomes Leal, E. Coelho, Silva Tullio, A. de Castilho, Silva Pinto e Teixeira de Vasconcellos, meus amigos, hão de deferir o seguinte requerimento:

“ Peço um lugar de honra no auditorio das vossas glórias litterarias para a autora das *Nebulosas*. “

Por uma vicissitude já vivemos como o povo hebreu; encerrado, nos limites da obediencia, confiscado, regendo-nos com as leis do vizinho senhor. Remimo-nos do captiveiro. Queremos, hoje, celebrar as festas da intelligencia em todos os altares onde a gloria a architectal-os. A isso se propõe este livro — que não envereda pela abobada ôca dos classicos.”

PESSANHA POVOA.

⁹ O autor do prefácio, Pessanha Póvoa, encerra seu texto com um apelo direto a um grupo de notáveis intelectuais portugueses, muitos deles expoentes da chamada "Geração de 70", um movimento de renovação da cultura portuguesa. Figuras como **Theophilo Braga** (futuro presidente de Portugal), o geógrafo **Luciano Cordeiro** e o filólogo **Adolpho Coelho** eram centrais nesse cenário. O ato de lhes dirigir a palavra é uma estratégia retórica para prestigiar e validar a obra de Narcisa Amália perante a mais alta instância intelectual da língua portuguesa da época.

PRIMEIRA PARTE

NEBULOSAS

*On donne le nom de Nebuleuses à
des taches blanchâtres que l'on voit çà
et là, dans toutes les parties du ciel.
DELAUNAY¹⁰.*

No seio magestoso do infinito,
— Alvos cysnes do mar da immensidade, —
Fluctuam tenues sombras fugitivas
Que a multidão suppõe densas caligens,
E a sciencia reduz a grupos validos;
Vêjo-as surgir á noite, entre os planetas,
Como vizões gentis á flux dos sonhos;
E as espheras que curvam-se trementes
Sobre ellas desfolhando flôres d'oiro,
Roubam-me instantes ao soffrer recondito!

Costumei-me a sondar-lhes os mysterios
Desde que um dia a famula da idéa
Livre, ao sopro do genio, abriu-me o templo
Em que fulgura a inspiração em ondas;
A seguir-lhes no espaço as longas clamydes
Orladas de incendiados meteoros;
E quando da procella o medo archanjo
Desdobra n'amplidão as negras azas,
Meu ser pelo theisn¹¹ desvairado
Da loucura debruça-se no pélago!

Sim! São ellas a mais gentil feitura
Que das mãos do Senhor ha resvalado!
Sim! De seus seios na d'oirada urna,
A piedosa lagrima dos anjos,
Ligeira se converte em astro esplendido!
No momento em que o martyr do calvario
A cabeça pendeu no infame lenho,
A voz do Creador, em santo arrojo,
No macio frouxel de seus fulgores
Ao céu arrebatou-lhe o calmo espirito!

¹⁰ A epígrafe em francês, “*On donne le nom de Nebuleuses à des taches blanchâtres que l'on voit çà et là, dans toutes les parties du ciel.*”, traduz-se como: “Dá-se o nome de Nebulosas a manchas esbranquiçadas que se veem aqui e ali, em todas as partes do céu.” O autor, “Delaunay”, é muito provavelmente o astrônomo francês Charles-Eugène Delaunay (1816-1872), um especialista em mecânica celeste cujos trabalhos sobre o movimento da Lua foram célebres no século XIX. A escolha da citação é uma bela forma de conectar o título do livro ao seu significado astronômico.

¹¹ No original, lê-se “theisn”, muito provavelmente um erro de impressão para “**theismo**” (teísmo). O teísmo é a crença na existência de divindades. No contexto do poema, a autora parece descrever um estado de arrebatamento ou “loucura” de fundo filosófico e religioso diante da imensidão do universo.

Mesmo o sol que nas orlas do oriente
Livre campêa e sôbre nós desata
A chuva de mil raias luminosos,
Nos lyrios sidereos do seu regaço
Repouza a fronte e despe a rubra tunica!

No constante volver dos vagos eixos,
Os órbes em parabolâs se encurvam
Bebendo alento no seu manso brilho!
E o tapiz movediço do universo
Mais bello ondeia com seus prantos fulgidos!

E quantos infelizes não olvidam
O horoscopo fatal de horrenda sorte,
Se no correr das auras vespertinas
Seus sêres vão pouzar-lhes sobre a côma,
Que as madeixas ennastram do crepusculo!
Quanta rosa de amor não abre o calix
Ao bafejo ineffavel das chimeras,
No coração temente da donzella,
Que, da lua ao clarão dourando as scismas,
Lhes segue os rastros na cerulea abobada?!...

Um dia no meu peito o desalento
Cravou sangrenta garra; trevas densas
Nublaram-me o horisonte, onde brilhava
A matutina estrella do futuro.
Da descrença senti os frios osculos;
Mas no horror do abandono alçando os olhos
Com tímida oração ao céu piedoso,
Eu vi que ellas, do chão do firmamento,
Brotavam em luciferos corymbos
Enlaçando-me o busto em raios mórbidos!

Oh! amei-as então! Sobre a corrente
De seus brandos, noctivagos lampejos,
Audaz librei-me nas azues esphéras;
Inclinei-me, de flammâs circumdada
Sobre o abysmo do mundo tórvo e lugubre!
Ergui-me ainda mais: da poesia
Desvendei as lagunas encantadas,
E prelibei delicias indiziveis
Do sentimento nas caudaeas sagradas,
Ao clarão divinal do sol da gloria!

Quando desci mais tarde, deslumbrada
De tanta luz e inspiração, ao valle
Que pelo espaço abandonei sorrindo,
E senti calcinar-me as debeis plantas
Do deserto as areias ardentissimas;
Ao fugir dos sondaes que estende a noite
Sobre o leito da terra adormecida,
Fitei chorando a aurora que surgia!
E — ave de amor — a solidão dos ermos
Povoa-ei de gorgeios melancolicos!...

Assim nasceram os meus tristes versos,
Que do mundo fallaz fogem ás pompas!
Não dormem elles sob os aureos tectos
Das terreas potestades, que fallecem
De morbidez nos flascidos triclinio!

Cortando as brumas glaciaes do inverno
Adejam nas estancias constelladas
Onde ellas pairam; e á luz da liberdade
Devassando os mysterios do infinito,
Vão no solio de Deus rolar exanimos!...

VOTO

A MINHA MÃE

*Ide ao menos de amor meus pobres
cantos
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces
prantos !*

ALVARES DE AZEVEDO

A viração que brinca docemente
No leque das palmeiras,
Traga á tu'alma inspirações sagradas,
Delicias feiticeiras.

A flor gazil que expande-se contente
Na gleba matizada,
Invejo-te a tranquilla e lêda vida,
Dos filhos sempre amada.

Só teus olhos roreje délio pranto
De mystica ternura;
Como sylphos de luz cerquem-te gozos,
Enlace-te a ventura!
Os filhos todos submissos junquem
De rosas tua estrada;
E curvem-se os espinhos sob os passos
Da Mãe idolatrada!

Taes são as orações que aos céos envia
A tua pobre filha;
E Deus acolhe o incenso, embora emane
Da branca maravilha!

SAUDADES

*Meus funerarios gemidos
Vão legando á immensidade
Um vasto arcano — a tristeza.
Um canto eterno—a saudade ...*

CARLOS PERREIRA.

Tenho saudades dos formosos lares
Onde passei minha feliz infancia;
Dos valles de dulcissima fragancia;
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida! Inda me lembro
Quando atravez das névoas do occidente
O sol nos acenava adeus languente
Nas balsamicas tardes de Setembro;

Lançava-me correndo na avenida
Que a laranjeira enchia de perfumes!
Como escutava tremula os queixumes
Das auras na lagoa adormecida!

Eu era de meu pae, pobre poeta,
O astro que o porvir lhe illuminava;
De minha mãe, que louca me adorava,
Era na vida a rosa predilecta!...

Mas...
... tudo se acabou. A trilha olente
Não mais percorrerei d'esses caminhos...
Não mais verei os miseros'anginhos
Que aqueciam na minha a mão algente!

Correi, ó minhas lagrimas sentidas,
Do passado no rórido sudario;
Bem longe está o cimo do Calvario
E já as plantas sinto tão feridas!...

Ai! que seria do mortal afflicto
Que tomba exangue á provação cruenta,
Se no marco da estrada poeirenta
Não divizasse os gozos do infinito?!...,

Abrem-me n'alma as dôres da saudade
Um sulco de profundas agonias...
Morreram-me p'ra sempre as alegrias...
Só me resta um consolo. . a eternidade!

LINDA

*Her beauty raineth own flamelets of fire,
Animate with a noble, gracious spirit,
Which is creator of each virtuous thought.¹²*
MARY ROSSETTI.

Vem, tímida criança,
Rosada, loura e mansa
Qual chamma matutina
De tibio resplendor;
Vem, quero a tez rubente
Da face transparente,
E a bocca peregrina,
Beijar-te com fervor!

Teus madidos cabellos,
Undosos, finos, bellos,
Em aurea e doce téa
Enlaçam-me o olhar;

Da primavera os lumes
Em lucidos cardumes,
No anel que solto ondêa
Vão ternos scintillar!

Teu collo alvinintente
S'encurva levemente,
Qual pende na ribeira
O lothus de setim;
Se a lua alem s'inflamma
De vaga e breve flamma,
Resvalas mais ligeira
Na relva do jardim!

Escuta: Á beira d'agua
A flôr vinga entre a fragua,
E a téla delicada
Se tinge á luz do sol;
O magico perfume
Que o cálice resume,
A petala nacarada,
Inveja-lhe o arrebol.

¹² A citação "Her beauty raineth own flamelets of fire..." é de **Christina Georgina Rossetti**, uma das mais importantes poetisas inglesas do século XIX, e não de uma "Mary Rossetti" desconhecida. É provável que tenha havido um erro de digitação ou transcrição na obra original.

Ela é conhecida por sua poesia lírica, devocional e infantil, e foi irmã dos famosos artistas pré-rafaelitas Dante Gabriel Rossetti e William Michael Rossetti.

Mas vem da trega enchente
A fêrvida torrente
Em turbilhão raivoso
Ao longe a rouquejar,

E a rubra flôr da margem —
Pendida na voragem,
No pégo tenebroso
Fanada vae rolar!

Ai! zela a rosa pura
De tua formosura
Que o labio mercenario
Do mundo, não manchou
Sâ como a sensitiva
Que se retrabe esquiva
Si o vento louco e vario
As folhas lhe osculou.

Porem, essa belleza
Que deu-te a natureza,
Desmaiará um dia
Aos gellos hibernaes;
E uma vez perdida
Nos vendavaes da vida,
Á flux da phantasia
Não surgirá jamais!

Oh! zela mais ainda
A flôr celeste e linda
De tua alma de virgem,
— Teu primitivo amor!

Da divinal bondade
A meiga potestade,
Se acolhe da vertigem
Nas mãos do Creador!

Attende: A mão mimosa
Dirige pressurosa
Ao pobre, agonisante,
Á sombra do hospital!
Ao mesto encarcerado
Do olhar do sol privado,
Abranda um só instante,
O agrur da lei fatal!...

Prosegue, etherea lyra,
Nas cordas de saphyra
As harmonias cerulas
Dos risos infantis!
E ao desgraçado em prantos
Dá mil colares santos,
Não de mundanas perolas,
De lagrimas gentis!...

AFFLICTA

*Per lui solo affido sulli ali dei venti
Il suon lusinghiero dei garruli accenti!
Deh riedi, deh riedi!... mi stringe al
tuo cor
E giorni beati — vivremo d'amor!¹³
Il Guarany*

Desde a hora fatal! em que partiste,
Turbou-se para mim o azul do céu!
Velei-me na mantilha da tristeza,
Como Sapho na espuma do escarcéu!

Até então o archanjo da procella
Não enluctára o lago das chimeras,
Onde minh'alma, garça languorosa,
Brincava á luz de ethercas primaveras.

Mas um dia attrahindo ao vasto peito
Minha pallida fronte de creança,
Murmuraste tremendo: — “Parto em breve;
Mas não te afflijas, volta rei, descança!”

Ai! Que epopéa turgida de lagrimas
Na commoção d'aquella despedida!
Eu solluçava envolta em véo de prantos:
“Quando voltares, já serei sem vida!”

Desde então, comprimindo átras angustias,
Vou te esperar á beira do caminho;
Voltam cantando ao sol as andorinhas,
Só tu não volves ao deserto ninho!...

Quando a tribu inquieta das phalenas
Liba philtros nas clicias da campina,
Busco da redempção o augusto symbolo,
E falleço de amor como Corinna!

Pois bem! Se emfim voltares d'esse exilio,
Ave errante, fugindo á quadra hyberna,
Vem á sombra do val: sob os cyprestes
Commigo fruirás ventura eterna!

¹³ Tradução do italiano: "Só por ele confio nas asas dos ventos O som lisonjeiro dos acentos garrulos! Oh, volta, oh, volta!... aperta-me o coração E dias abençoados — viveremos de amor!"

A citação "Il Guarany" refere-se à famosa ópera romântica em quatro atos do compositor brasileiro Antônio Carlos Gomes (1836-1896), com libreto de Antonio Scalvini e Carlo D'Ormeville. Baseada no romance "O Guarani" de José de Alencar, a ópera estreou em Milão, na Itália, em 1870, e é uma das obras mais importantes da ópera brasileira, conhecida por suas melodias vibrantes e temática nacionalista.

ASPIRAÇÃO

Á UMA MENINA

Folga e ri no começo da existencia
Borboleta gentil!¹⁴
GONÇALVES DIAS

Os lampejos azues de teus olhos
Fazem n'alma brotar a esperança;
Dão venturas, ó meiga creança,
— Flôr celeste no mundo entre abrolhos! —
Ora pendes a fronte na scisma,
Fatigada dos jogos, contente,
E mil sonhos, formosa innocente,
Phantasias ás cores do prisma;

Ora vôas ligeira entre elicias
Sacudindo fulgores, anjinho;
E o favonio te envia um carinho,
E as estrellas te offertam blandicias!...

Mas se pende dos fulgidos cilios
Alva pérola que a face te róra,
De teus labios, na falla sonora,
Chovem, rollam sublimes idyllios!

De tua bocca na rubra granada
Caíam santos mil beijos felizes!
Tuas azas de lindos mátizes,
Ah! não rasgues do vicio na estrada!

¹⁴ Este trecho é de autoria de Gonçalves Dias e faz parte de sua obra "Últimos Cantos".

CONFIDENCIA

A JOANNA DE AZEVEDO

*De mais a mais se apertam nossos laços,
A auzencia... oh! que me importa, estás
presente
Em toda a parte onde dirijo os passos.
FAGUNDES VARELLA.*

Pensas tu, feiticeira, que te esqueço;
Que olvido nossa infancia tão florida;
Que á tuas meigas phrazes nego apreço...

Esquecer-me de ti, minha querida!?...
Posso acaso esquecer a luz divina
Que rebrilha nas trevas d'esta vida?

Era esquecer a lucida neblina,
Que nas gellidas orlas de seu manto,
Extingue a febre que meu sêr calcina.

Esquecer o orvalho puro e santo,
Que á campanula curva á calma ardente,
Dá mais viço e fulgôr, dá mais encanto.

Esquecer o crystal liso ou tremente
Que me retrata a fronte pensativa!
Esquecer-me de ti, anjo temente!...

Ouçó-te a voz na langue patativa
Que em thrinos desfallece ao vir do inverno:
— Contemplo-te na mimosa sensitiva.

Sem ti não tem o sol um raio terno;
Comtigo o mundo trêdo — é paraizo,
E a taça do viver tem mel eterno!

Oh! envia-me ao menos um sorriso!
Dá-me um sonho dos teus doirado e bello,
Que bem negro o porvir além diviso!
Que a existencia sem ti, é um pezadello!...

DESENGANO

*Antes d'expirar el dia
Vi morir á mi esperanza¹⁵.
ZARATÉ*

Quando resvalla a tarde na alfombra do poente
E o manto do crepusculo se estende mollemente;
Na hora dos mysterios, dos gozos divinas,
Despedaçam-me o peito martyrios infernaes;
E sinto que, seguindo uma illusão perdida,
Me arqueja, treme e expira a lampada da vida!

Feriu-me os olhos timidos o brilho da esperança;
A luz do amor crestou-me o riso de creança;
E quando procurei — sedenta — uma ventura,
Aberta vi a fauce voraz da sepultura!...
Dilacerou-me o seio, matou-me a crença bella,
O tufão mirradôr de horrida procella!

Então pallida e triste, alcei a fronte altiva
Onde se estampa a dôr tenaz que me captiva;
Sorvi na taça amarga o fel do soffrimento,

E a voz queixosa ergui n'um ultimo lamento:
Era o cantar do cysne, o brado da agonia...
E a multidão passou soberba, muda, fria!

Desprezo as pompas loucas, desprezo os esplendores,
Trilhar quero um caminho orlado só de dôres;
E além, nas solidões, á sombra dos palmares,
Ao derivar da lympa por entre os nenupahares,
Quero vêr palpar, como em meu craneo a idéa,
O insecto friorento na languida nymphéa!

Ao despertar festivo da alegre natureza,
Quero colher as clicias que brincam na deveza;
Sentir os raios igneos da luz do sol de Maio
Reanimar-me a vida que fuge n'um desmaio;
Pousar um longo beijo nas rubras maravilhas
E contemplar do céu as vaporosas ilhas.

E quando o ardor latente que cresta minha fronte
Ceder á neve algente que touca o negro monte;
Quando a ethérea aza da briza fugitiva
Trouxer-me os castos threnos da terna patativa,

¹⁵ Tradução do espanhol: "Antes de expirar o dia / Vi morrer a minha esperança." A citação é atribuída a **Antonio Gil y Zárate** (1793-1861), um influente escritor, dramaturgo e político espanhol, conhecido por suas obras teatrais e contribuições para a crítica literária no período romântico. A epígrafe reflete o tema do desengano e da perda de esperança abordado no poema.

Elevarei meus carmes ao Sêr que creou tudo,
E dormirei sorrindo n'um leito ignoto e mudo.

DESALENTO

Presago el corazon late en mi pecho¹⁶!
MARTINEZ DE LA ROZA.

Adeus, lendas de amor, doirados sonhos
De meu cerebro enfermo;
Adeus, da phantasia, ó lindas flôres,
Rebentadas no ermo.

Um dia, da chiméra no regaço,
Adormeci sorrindo;
E os astros, lá do empyreo debruçados,
Verteram brilho infindo...

Como á flux da onda egêa um divo canto
De Homero, o bardo cego,
Resvalei da paixão nas vagas fulgidas,
De esplendores n'um pégo!...

Mas depois... densa nuvem desenhou-se
Na saphyra do céu,
E a ledice infantil fugiu tremendo
Ao futuro escarcéo!

.....

Porque deixas, ó Deos, que o gello queime
Minh'alma, planta fria?!...
Cedo descançarei (que importa?) os membros
Na penumbra sombria,

Onde a roxa saudade funeraria
Enlaça-se ao cypreste;
Onde a lua, chorosa peregrina,
Derrama a luz celeste!

A vós, lendas de amor, sombras queridas
Dos devaneios meus;
A vós que me embalaste a adolescencia,
Meu pranto e eterno adeus!..

¹⁶ Pressentindo, o coração bate em meu peito!" A citação é atribuída a **Francisco Martínez de la Rosa** (1787-1862), um proeminente escritor, dramaturgo, poeta, político e diplomata espanhol. Ele foi uma figura central do Romantismo na Espanha e também exerceu o cargo de Presidente do Conselho de Ministros. A epígrafe, com seu tom de premonição e angústia cardíaca, harmoniza-se perfeitamente com o título do poema, "Desalento", e com o tom melancólico do seu conteúdo.

AGONIA

*Je meurs, et sur ma tombe, où lentement j'arrive,
Nul ne viendra verser des pleurs*¹⁷.

GILBERT.

Como vergam as lindas açucenas
As petalas alvejantes
Quando vôam do sul as brumas frias;
Quando rolla o trovão nas serranias
E os raios coruscantes;

Como a rôlla das selvas, trespassada
De mortifera setta
Despedida por barbaro selvagem,
Que a debil fronte inclina e cahe á margem
Da lagôa dilecta;

Como a estrella gentil de um céu risonho,
Luzindo aos pés de Deos;
Que pouco á pouco triste empallidece,
E cada vez mais pallida fallece
Envolta em negros véos;

Como a gota de mél que entorna a aurora
Na tremula folhagem,
E brilha, e fulge ao prisma de mil côres;
Que depois desaparece aos esplendores
Da doirada voragem;

Assim foram-se as rosas de meu peito
Sem os rócios de outomno...
Vejo apenas a palma do martyrio
Convidando-me a ir á luz do cirio
Dormir o eterno somno.

¹⁷ "Eu morro, e sobre o meu túmulo, onde lentamente chego, / Ninguém virá derramar lágrimas." A citação é de **Nicolas Joseph Laurent Gilbert** (1751-1780), um poeta francês do século XVIII, conhecido por suas obras satíricas e, principalmente, por suas elegias e poemas que expressavam grande melancolia, desilusão e pessimismo em relação à vida e à morte. A epígrafe escolhida por Narcisa do Amaral para o poema "Agonia" ressoa profundamente com o tom de desespero e solidão, refletindo a visão sombria da morte e do esquecimento.

CONSOLAÇÃO

PARODIA À POESIA PRECEDENTE, PELO
SR. J. EZEQUIEL FREIRE¹⁸

Se também vingam lindas açucenas,
Mimosas, alvejantes,
Nas dobras dos vallados — êrmas, frias,
Dardeje embóra o sol nas serranias
Seus raios coruscantes;

Se também a rolinha trespassada
D'hervada, negra setta,
Acha às vezes um balsamo selvagem,
E vai gemer ainda á fresca margem
Da lagôa dilecta;

Porque descrês de teu porvir risonho,
Poetiza de Deos?!...
Si o fanal do viver empallidece,
Si as vezes sem alento elle fallece
Envolto em negros véos;

Bem cedo raia do prazer a aurora
E a tremula folhagem
Das flôres do viver, rebrilha em côres;
E ostenta mil doirados resplendores
Sem medo da voragem!

Avante! Quando as rosas de teu peito
Fenecerem no outomno,
Ser-te-ha um sélio — a palma do martyrio
E o sol da gloria, — o prefulgente cirio
Que vellará teu somno!...

¹⁸ **J. Ezequiel Freire** refere-se a **José Ezequiel Freire** (1819-1888), poeta e escritor brasileiro. Embora não seja um dos nomes mais proeminentes do Romantismo, ele foi uma figura ativa no cenário literário do século XIX no Brasil. A "parodia" aqui significa uma recriação ou resposta ao poema anterior ("Agonia", de Narcisa do Amaral), utilizando a mesma estrutura ou temas, mas com uma perspectiva ou finalidade diferente, possivelmente mais consoladora, como o título "Consolação" sugere.

AMARGURA

*Senti o golpe no coração, e como a copahyba
ferida no amago, distillo lagrimas em fios!*

J. DE ALENCAR.

Ao desmaiar do sol, além, nas cordilheiras,
Ao badallar dos sinos dobrando — Ave Maria, —
Ai! desprende um gemido, accorde doloroso,
Minh'alma na agonia!

Que importa o lêdo riso de um tempo já volvido?
Que importa o beijo o frio da cerração do sul?...
O soffrimento extingue anhelos de ventura,
— Flôr virgem n'um paúl! —

Já tive, como todos, meus enlevados sonhos.
Senti tingir-me a face a púrpura do enleio;
E o coração pulsou-me um dia entre delicias
Fazendo arfar o seio.

E a flôr vendo-me á furto, fulgia mais contente!
E as lampadas do céu brilhavam mais gentis!
E os canticos das aves mais ternos se elevavam
Nas virações subtis!

E a lua me enviava um raio de tristeza;
A luz, beijo de fogo — ardente, fulgurante!
A nuvem vaporosa ao perpassar no espaço,
Olhava-me um instante!

Ai! cedo esvaeceu-se a frivola miragem,
E fugitiva, rapida, desfez-se essa illusão;
Apenas hoje sangra e estua-me sem vida,
O gellido coração.

Não mais se expandem lyrios, nem luzem mais estrellas;
Emmudeceram lentos os magicos cantores:
Não mais me envolve a luz entre amorosos laços,
E limpidos fulgores.

Porque não sou a rôla que deixa além o ninho,
E estende as leves azas, e vôa n'amplidão?
Porque não chego ao menos a fronte á immensidade
Por sobre a criação?!...

Porque não sou o iris que arquea-se no ether?
Porque não sou a nuvem dos páramos sidereos?
Porque não sou a onda azul que além desmaia
A revellar mysterios?...

O mundo que me vê passar sem um sorriso,
Não vê do meu tormento o horrendo vendaval!
Elle que acolhe e affaga o venturoso, entrega
O triste á lei fatal!...

Só resta hoje á minh'alma os campos do infinito;
Aquece-se a tristinha ao sol da eternidade;
E se á lembrança traz as lendas que se foram,
São laivos de piedade!

Meu Deos! porque emballar-me o quêdo pensamento
Se amor é passageiro, se as glorias são de pó?!
Poetiza — tomo a lyra ás lufas da descrença,
E a ti me volvo só.

Bondoso abre-me os braços, reúne-me á teus anjos,
A eternal ventura almejo palpitante;
Contemplarei o — nada — do seio das estrellas,
Das dôres triumphante!

FRAGMENTOS

Minh'alma é como a rôla gemedôra
Que delira, palpita, harqueja e chora
Na folhagem sombria da mangueira;
Como um cysne gentil de argenteas plumas,
Que fallece de amôr sobre as espumas,
A soluçar a queixa derradeira!

.....

Meu coração é o lothus do oriente,
Que desmaia aos languores do occidente
Implorando do orvalho as lacteas pérolas;
E na penumbra pallida se inclina,
E murmura rolando na campina,
"O' briza, me transporta ás plagas cérulas!"

.....

Ai! quero nos jardins da adolescencia
Esquecer-me das urzes da existencia,
Nectarizar o fêl de acerbos dôres ;
Depois... remontarei ao paraizo,
Nos labios tendo os lyrios do sorriso,
Sobre as azas de mysticos amores !

SCISMA

*Zephyro pleno da estival fragancia,
Sinto a teus beijos resurgir-me n'alma
O drama inteiro da rosada infancia!*
FAGUNDES VARELLA¹⁹.

O' aura merencoria do crepusculo,
Mais terna que o carpir de Siloé;
És tu que embalas minha funda angustia;
És tu que accendes no meu peito a fê.

És tu que trazas-me a virginia endeixa
Que os anjos gemem na celeste estancia;
O sussurro dos plátanos do Libano,
O frescôr dos rosaes de minha infancia!

Estranha languidez gella-me o seio;
Abre-se além a campa glacial;
Minha fronte que ao chão livida pende,
Levanta com teu beijo divinal!

Eu tenho n'alma uma saudade infinda,
Mais profunda que o abysmo dos espaços...
— Chôro meu berço que deixei creança;
— Chôro'o sol que aclarou meus debeis passos.

Recorda-me as dolentes monodias
Que na lagôa canta o pescador;
E as tristonhas cantigas dos escravos
Quando o céu se desata em luz de amor!

E os campos de esmeraldas que s'enlaçam
A' opala radiante do infinito...
E a pluma extensa dos bambús da matta,
Onde echoava da araponga o grito...

Ai, não me fujas viração sentida!
Falla-me ainda da estação feliz!
Desfolha sobre a tumba de meus sonhos
A grinalda dos risos infantis!

¹⁹ **Luís Nicolau Fagundes Varela** (1841-1875) foi um dos mais importantes poetas da segunda e terceira gerações do Romantismo no Brasil, conhecido por seu lirismo passionai e melancólico. Ao usar uma citação dele como epígrafe, Narcisa Amália se posiciona em diálogo com um dos grandes nomes da poesia brasileira de seu tempo.

Este ligeiro halito da patria
Como desperta sensação tão pura!
Como esta essencia dos folguedos idos,
Infunde n'alma tão subtil ternura!

O' aura do crepusculo, mais suave
Que o perfume das rosas de Stambul;
— Leva á meu ninho meu gemer de alcyone!
— Traz de meu ninho a primavera azul!

RESIGNAÇÃO

*Oh! que essa tristeza tem doce magia;
Qual luz que esmorece lutando com as sombras
Nas vascas do dia.*
BERNARDO GUIMARÃES²⁰.

No silencio das noites perfumosas
Quando a vaga chorando beija a praia,
Aos tremulos rutilos das estrelas,
Inclino a triste fronte que desmaia.

E vejo perpassar as sombras castas
Dos delirios da lêda mocidade;
Comprimo o coração despedaçado,
Pela garra cruenta da saudade.

Como é doce a lembrança d'esse tempo
Em que o chão da existencia era de flôres,
Quando entoava, ao murmur das espheras,
A copla tentadora dos amôres!

E voava feliz nos invios sêrros
Em poz das borboletas matizadas...
Era tão pura a abobada do elysio²¹
Pendida sobre as veigas rociadas!...

Hoje escalda-me os labios riso insano,
É febre o brilho ardente de meus olhos:
Minha voz só retumba em ai plangente,
Só juncam minha senda agros abrolhos.

Mas que importa esta dôr que me acabrunha,
Que separa-me dos canticos ruidosos,
Se nas azas gentis da poesia
Elevo-me a outros mundos mais formosos?!...

Do céu azul, da flôr, da névoa errante,
De phantasticos sêres, de perfumes,
Creou-me regiões cheias de encanto,
Que a lua doura de suaves lumes!

²⁰ **Bernardo Guimarães** (1825-1884) foi um dos mais importantes romancistas e poetas do Romantismo no Brasil. Ele é célebre por ter escrito o romance *A Escrava Isaura* (1875), uma das obras mais influentes do movimento abolicionista brasileiro. A citação de um autor tão proeminente serve para inserir o poema de Narcisa Amália no diálogo com os grandes temas e autores de sua época.

²¹ A referência é ao **Elísio** ou aos **Campos Elísios**, que na mitologia grega correspondiam a uma parte do submundo, um paraíso onde as almas dos heróis e dos homens virtuosos descansavam em felicidade após a morte. A menção evoca um passado de pureza e perfeição idílica.

No silencio das noites perfumosas,
Quando a vaga chorando beija a praia,
Ella ensina-me a orar timida e crente,
Aquece-me a esperança que desmaia.

Oh! bemdicta esta dôr que me acabrunha,
Que separa-me dos canticos ruidosos,
De longe vejo as turbas que deliram,
E perdem-se em desvios tortuosos!...

SEGUNDA PARTE

INVOCAÇÃO

AO DR. PESSANHA POVOA

*Ingrata... Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha patria, abre-me o seio!²²*
ALMEIDA GARRETT.

Quando a noite destende seu manto,
Quando a Deos faz subir rude canto
Da lagôa o audaz pescador;
Quando rôlam no ether mil mundos, —
Quando eleva plangentes, profundos,
Seus poêmas, feliz trovador;

Quando a aragem perdida, faceira,
Beija a flôr do amarantho, e ligeira
Os olores lhe rouba tremente;
Quando a lymphia s'enrosca e murmura,
Na macia, relvosa espessura,
Qual argentea, travessa serpente;

Quando fulge a rainha dos mares
Desdobrando, entornando nos ares
Suavissima e plácida luz,
E descança chorando na lousa
Onde a virgem dormente repousa,
Acolhendo-se á sombra da cruz;

Quando ao som das gentis cachoeiras
Mil ondinas²³ á flux, feiticeiras,
Cortam rollos de espuma de prata;
E desperta do abysmo os mysterios,
E rebôa nos campos aerios
O gemido tenaz da cascata;

Sinto n'alma pungir-me um espinho!
Sinto o vacuo embargar o caminho
Que procuram meus threnos de amor!
D'esse sol que dá luz e ventura;
D'esses pampas de eterna verdura,
Ai! não vejo a belleza, o esplendor!

²² Este poema é dedicado a **João de Deus de Castro Pessanha Póvoa**, o autor do prefácio deste livro. A "invocação" a uma figura conterrânea, que era um intelectual e político estabelecido, demonstra a gratidão e o respeito de Narcisa Amália por seu apoio, reforçando os laços literários da região de Campos e São João da Barra.

²³ **Ondinas** (do latim *unda*, "onda") são figuras da mitologia e do folclore europeu, popularizadas pelo alquimista Paracelso como os espíritos elementais da água. Na poesia romântica, são frequentemente retratadas como ninfas aquáticas de grande beleza, de natureza mágica e por vezes perigosa ("feiticeiras").

Se eu pudesse, qual cysne mimoso
Que nas aguas campêa orgulhoso,
Demandar minha patria adorada...
Ou condor, em um vôo gigante,
Contemplar sob o céu — palpitante —
Esses lagos de areia doirada...

Mas, ó patria, são frageis as azas!
E se aos bardos mil vezes abrazas
Não me offertas um myrtho se quer!...
Quando intento librar-me no espaço,
As rajadas em tétrico abraço
Me arremessam a phrase — mulher!...²⁴

Seja embora! Se em leves harpejos
Vem a briza cercarte de beijos
E dormir sobre tuas campinas,
Dá-me um trilo dos plumeos cantores!
Dá-me um só dos ardentes fulgores
De teu calido céu sem neblinas!

²⁴ Este verso é um poderoso lamento feminista. A autora expressa a frustração de ter suas ambições e seu "vôo" poético limitados pela sociedade simplesmente por sua condição de mulher. A palavra "mulher", neste contexto, não é uma identidade, mas uma "frase arremessada", uma sentença que a impede de alcançar o mesmo reconhecimento que os "bardos" (poetas homens).

NO ERMO

*Quando penetro na floresta triste
Qual pela ogiva gothica o antiste,
Que procura o Senhor.
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas
Eu bebo crença e amor!...
CASTRO ALVES.*

Salve! florestas virgens, magestosas,
Aos céos alçando as cômas verdejantes
Em perennas louvôres!
Salve! berço de brizas suspirosas,
D'onde pendem cordas fluctuantes
Aos lucidos vapores!

Eu que esgotei do soffrimento a taça,
Que pendo par'a campã humida e fria
No alvorecer da vida;
Que na longa vigilia da desgraça
Não vejo luz... nem tenho na agonia
Consolação querida;

Eu que sinto na fronte êrma de sonhos
A scentelha voraz, a febre ardente
Que o viver me consome;
Que já não creio n'um porvir risonho...
Que só busco olvidar n'um ai plangente
O martyrio sem nome...

Oh! eu quero, meu Deos sorver sedenta
Os virgineos effluvios d'esta selva,
Gozar belleza e sombra!
Molhar meus pés na vaga somnolenta...
E desmaiar depois da molle relva
Na balsamica alfombra!...

Aqui, entre estes troncos seculares,
Sob a cupola ingente que fluctúa
N'um mar de luz serena,
Não penetra a paixão com seus esgáres;
Mais languido fulgor esparge a lú
Nas azas da phalena²⁵.

²⁵ **Phalena** (do grego *phálaina*) é um termo entomológico que designa um gênero de mariposas, especialmente as noturnas. A imagem da luz da lua se espalhando sobre as asas de uma mariposa é uma representação delicada e típica da estética romântica, associando a natureza à melancolia e à beleza da noite.

Na mystica penumbra entrelaçadas
Vicejam longas palmas espinhosas
De rastejantes cardos;
E do âmago das arvores lascadas,
Em fios brotam bagas preciosas
De crystalinos nardos.

Ao brando embate da amorosa aragem
Desprendem-se das longas trepadeiras
Mil pétalas purpurinas;
E dos terraes a tépida bafagem
Derrama o grato odor das canemeiras
No calix das boninas.

Nas folhas de sereno gotejantes,
Balouça-se o insecto de esmeralda
Á luz doirada e para;
A serpente de tintas cambiantes
Desprende-se da flórida grinalda,
E roja na espessura!

Além, recorta o valle aveludado,
Entre moutas gentis de violetas
O arroio preguiçoso;
E das flores aladas namorado,
Retrata as doudejantes borboletas
No leito pedregoso.

Em floridos festões créa a liana,
Sobre a lympa que rolla murmurando,
Mil pontes graciosas,
Ou colliga-se á herculea cangerana²⁶,
E eleva-se, blandicias derramando,
Ás nuvens luminosas.

O povo dos ceruleos passarinhos
Que ha pouco em doces hymnos de alegria,
Cantava seus amôres,
Volteia em busca dos macios ninhos
Saciado de gozo, a phantasia
Replecta de esplendores.

Pouco a pouco derramam-se nos ares
Mais doces murmurios. Já se esvaem

²⁶ A **cangerana** (*Cabralea canjerana*) é uma árvore de grande porte da flora brasileira, notável por sua madeira avermelhada e copa densa. O adjetivo "**hercúlea**" é usado para enfatizar a força e a robustez da árvore, em uma alusão a Hércules, o herói da força na mitologia grega. A imagem poética é a da liana (um tipo de trepadeira) se unindo a essa árvore poderosa para se elevar.

No remanso da noite
Os harpejos dos tremulos pilares;
Já não baffeja os lothos, que descaem,
Das auras o açoite.

Agora que repousa a turba estulta,
Que a lua brinca nos vergeis fulgentes,
E os sylphos se embevecem,
O primeiro cantor brasileiro exulta;
E os gorgeios sonôros, estridentes,
N'um gemido fallecem!

De novo a voz se alteia palpitante
Ao capricho indolente, languoroso,
Da garganta canôra;
Varia o poeta a escalla delirante,..
Dir-se-hia o murmurar langue saudoso,
Da onda que s'esflóra!...

Eu amo estes risonhos alcaçâres²⁷,
Quer a pino dardeje o rei dos astros
Seus raios queimadores
Quer a névoa que ondeia entre os palmares
Véle os nocturnos, luminosos rastros,
Com géllidos pallôres.

Aqui aos ternos canticos das aves,
Ao refulgir das lagrimas da aurora
Nos campesinos véos,
Minh'alma presa de emoções suaves
Desdenha a magua insana que a devora,
E remonta-se aos céos!

Salve! florestas virgens, magestosas,
Aos céos alçando as cômas verdejantes
Em perennaes louvores!
Salve! berço de brizas suspirosas,
D'onde pendem cordas fluctuantes
Aos lucidos vapores!

²⁷ **Alcáçova** (do árabe *al-qasbah*), ou **alcácer**, é um tipo de palácio ou fortaleza mourisca, comum na Península Ibérica. Ao usar o plural poético "alcaçâres" para descrever a paisagem natural, a autora atribui à floresta uma nobreza e uma beleza exótica e monumental, como se as árvores e formações rochosas fossem castelos da natureza.

O ITA-TIAYA

Os negros pincaros do Ita-tiaya, em fôrma de agulhas, eram em seus vertices dourados por uma frouxa luz solar; em quanto que um certo lusco e fusco matutino pairava sobre as regiões ocupadas por Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro. O gélllo alastrado pela terra e escalando o flanco dos montes, era um manto prateado nas varzeas e pyramides de crystaes nos cabeços dos montes!

FRANKLIN MASSENA²⁸.

Ante o gigante brasileiro,
Ante a sublime grandeza
Da tropical natureza,
Das erguidas cordilheiras,
Ai quanto me sinto timida!
Quanto me aballa o desejo
De descrever n'um harpejo
Essas cristas sobranceiras!

.....

Vejo á quem os valles pávidos
Que se desdobram relvosos;
Profundos, vertiginosos,
Cavam-se abysmos medonhos!
Quanto precipicio indomito,
Quanto mysterio assombroso
N'esse seio pedregoso,
N'essa origem de mil sonhos!...

Ondúlam ao longe murmuras
Aos pés de esguios palmares,
As florestas seculares
Cingidas pela espessura;
A liana forma dédalos
Na grimpa das canneleiras,
Do cedro as vastas cimeiras
Formam doceis de verdura.

Por sobre os seixos dos alveos
Collêam brancas serpentes,
E as aguas soltam frementes
Doridos, brandos queixumes;
Ao perpassar pelas fragoas
Em prateados cachões,
Sacodem nos turbilhões

²⁸ **Franklin Távora** (1842-1888), que também utilizou o pseudônimo **Franklin Massena**, foi um proeminente romancista, jornalista e crítico literário brasileiro, conhecido por ser um dos iniciadores do Realismo no Brasil e um grande defensor de temas e linguagens do norte do país. A citação de um texto dele sobre o Itatiaia serve para enobrecer e contextualizar o tema do poema de Narcisa Amália.

Seu diadêma de lumes.
Brot a torrente cerulea
Do Ayuruoca em cascata,
Rola a trega cataracta
Sobre coxins de esmeraldas;
A lymph desmaia tumida
No coração da voragem,
E terna — lambendo a margem
Vae perder-se além das fraldas!

Em tres lagos vejo o thálamo
Onde as agulhas se elevam,
N'elles constantes se cevam
Tres espumosas vertentes;
Do Paraná galho eburneo
Do Mirantão se desprende
E, sem que banhe Rezende,
Leva ao Prata os confluentes!²⁹

Rompendo o celeste páramo
Nem mais um tronco viceja,
A erycinia rasteja
Sobre as fendas do granito:
Tapeta o sólo a nopalia,
Verte effluvios a açucena,
E a legendaria verbena
Corôa o negro quartzito!

Mais alto, ostenta-se a anêmona
No caule raymunculoso;
Pendem do seio mimoso
Flocos de virgem pureza:
Roubou-lhe a tinta das petalas
O *scirrus* que adorna a aurora;
A vaga quando desflora
Imita-lhe a morbidez!

²⁹ Aqui a autora descreve a hidrografia da região do Pico das Agulhas Negras, no maciço do Itatiaia. O **rio Ayuruoca** (mencionado na estrofe anterior) tem suas nascentes ali. O **Mirantão** e o **Prata** são rios importantes da bacia do rio Paraíba do Sul, e **Rezende** é o município fluminense banhado por este último. A menção ao **Paraná** refere-se à Bacia do Paraná, da qual o rio Prata é um confluente. Essa precisão geográfica ancora o poema em uma paisagem real e grandiosa do Brasil.

O Tércglu, o Asse, e o Pésciora³⁰
Invejam esta altitude,
E da côma aspera e rude
Os cabeços recortados.
Pendem rochedos erraticos
Na vastidão da eminencia,
Bellezas que a Providencia
Guarda á seus predestinados.

Em de redór, ás planicies
Nivellam-se as serranias;
Envoltos nas brumas frias
Transparecem os outeiros;
E o olhar ardente e ávido
Contempla os montes perdidos,
Como trophéos reunidos,
Como tombados guerreiros!...

Salve! montanha granítica!
Salve! brasileiro Himalaya!
Salve! ingente Itatiaya,
Que escalas a immensidade!...
Distingo-te a fronte valida,
Vejo-te ás plantas, rendido,
O meteôro incendiado,
A soberba tempestade!...

De teu dorso assomam invios
Feixes de pedra em pilastras,
Orgam gigante que enastras
De mil grinaldas alpestres!
Quem lhes calca a base, intrépido,
Vendo o sublime portento,
Liberta seu pensamento
Das amarguras terrestres!

³⁰ A autora faz uma comparação da grandiosidade do Itatiaia com montanhas e rios europeus, uma prática comum no Romantismo para enobrecer a paisagem local. O **Tércglu** (Triglav) é o pico mais alto da Eslovênia, nos Alpes Julianos. O **Asse** é um cume na Alemanha. **Pésciora** (Pechora) é um grande rio que deságua no Ártico, na Rússia. A menção a esses locais distantes e imponentes serve para reforçar a majestade da serra brasileira.

Rasgando o horizonte plumbeo
O sol te envia seus raios;
As nuvens formam-te saios
Quaes ligeiras nebulosas!
Miram-te as flores ethereas,
Cobrem-te espumas de neve,
Dão-te o pranto fresco e leve
Da noite as fadas formosas!

E quando envolvem-te as ascuas
Queimando o chão rociado,
Funde-se o tyrso gellado,
Cahem profusos fragmentos!
Muda-se o quadro de subito:
— Chôvem crystaes dos pilares,
E nú se perde nos ares
O perfil dos monumentos!...

.....

Vae meu canto ao mundo soffrego
Que ante os prodigios se inclina,
Narrar a belleza alpina
Das regiões em que trilhas;
Leva-lhe nas azas vellidos
Meu culto á serra gigante,
Pátrio ponto culminante,³¹
Berço de mil maravilhas!...

³¹ No século XIX, acreditava-se que o Pico das Agulhas Negras, no maciço do Itatiaia (a "serra gigante" do poema), era o ponto mais alto do Brasil. Essa crença conferia à montanha um forte simbolismo de orgulho e identidade nacional, sendo o "pátrio ponto culminante". Apenas no século XX, com medições mais precisas, foram descobertos picos mais altos no país, como o Pico da Bandeira e, posteriormente, o Pico da Neblina.

VINTE E CINCO DE MARÇO

*Lave-se a nodoa infame que marêa
O refulgente nome do Brazil;
E se o sangue sómente lavar pôde
Essa mancha odienta e vergonhosa
Venha o sangue, por Deos, venha a revolta!*
CELSO MAGALHÃES.³²

Na noite sepulchral dos tempos idos
Placida avulta a merencoria esphinge;
Esplendido fanal que esclarecêra
A crente multidão!
Monumento do verbo grandioso
D'este povo titan, débil ainda...
Scentelha sideral que fecundára
A seiva da nação!

Lacerado o sendalio tenebroso
Que nos vellava os livres horizontes,
Entoa o continente americano
Um hymno colossal;

Mais vivida no peito a fê rutilla;
Mais nobres s'erguem dos heróes os bustos
Cingidos pela flamma deslumbrante
Da gloria perennal.

Mas tu projectas o negror no espaço
Que sobre nós desata-se em sudario!
Mas teu halito extingue a luz benefica
Que acendêra o Senhor!
Maldicção! Maldicção! A liberdade
Vê de lôdo seu manto salpicado...
Do volcão popular a ignea lava
Desmaia sem calor...

³² O título refere-se à data de 25 de março de 1824, dia em que D. Pedro I outorgou a primeira Constituição do Brasil. No entanto, a epígrafe de Celso Magalhães, com seu tom revolucionário, sugere que o poema pode ter um viés crítico, tratando a data não como um marco de liberdade plena, mas como o início de um processo ainda manchado pela escravidão ("a nodoa infame"), que só seria resolvida com luta ("venha a revolta!").

Itaiáste como o symbolo nefasto
Do traidor Antitheo³³, mentindo ao orbe;
E os louros virgens da nação sorveste
Como hydra voraz!
Roubaste ao povo a palma do triumpho,
Recompozeste a algema ao pó lançada,
E moldaste no bronze a estatua fria
Da mentira loquaz!

Das espaldas robustas da montanha
A pedra derrocada, abate selves;
A avalanche vascilla lá nos Alpes,..
Convulsam terra e mar!

Resvalaste, padrão de cobardia,
Pelos aureos degraus do solio augusto...
E a santa aspiração, e os sonhos grandes,
Esmagaste ao tombar!...

Apoz a luz... o cháos confuso, intermino!
Apoz o hymno festival de um povo...
O lugubre silencio do sepulchro
Sem uma queixa, ou voz!
Lançaste a patria em barathros profundos
Ferida pela mão da tyrannia,
E apenas um lampejo de civismo
Deixaste ao crime atroz!

.....

Onde estavam, ó patria, os teus Andradas
Que sustinham-te aos hombros gigantesco?
Onde o triplice brado altipotente
Do peito popular?
— Gemem sem luz em carceres medonhos,
— Seguem do exilio a pavorosa senda
Rorando com seu pranto piedoso
De teu solo o altar!

Rasgae, rasgae a folha luctulenta,
— Emblêma de mesquinho captiveiro;
Não vedes? Choram hoje em suas campas
Os manes dos heróes!...

³³ **Antiteu** (do grego *anti*, "contra" + *theos*, "deus") significa literalmente "o que é contra Deus" ou "antideus". A palavra não se refere a uma única figura específica, mas a um arquétipo do opositor a Deus, como o Anticristo na tradição cristã ou figuras mitológicas que desafiaram os deuses, como Prometeu. No poema, a autora usa este termo para acusar o regime ou a constituição de ser um falso símbolo, um traidor que se opõe à verdadeira vontade divina ou ao bem do povo.

Resvalaste, padrão de cobardia,
Pelos aureos degraus do solio augusto...
E a santa aspiração, e os sonhos grandes,
Esmagaste ao tombar!...

Apoz a luz... o cháos confuso, intermino!
Apoz o hymno festival de um povo...
O lugubre silencio do sepulchro
Sem uma queixa, ou voz!
Lançaste a patria em barathros profundos
Ferida pela mão da tyrannia,
E apenas um lampejo de civismo
Deixaste ao crime atroz!

.....

Onde estavam, ó patria, os teus Andradas³⁴
Que sustinham-te aos hombros gigantescos?
Onde o triplice brado altipotente
Do peito popular?
— Gemem sem luz em carceres medonhos,
— Seguem do exilio a pavorosa senda
Rorando com seu pranto piedoso
De teu solo o altar!

Rasgae, rasgae a folha luctulenta,
— Emblêma de mesquinho captiveiro;
Não vedes? Choram hoje em suas campas
Os manes dos heróes!...

Salvae a honra dos que em lar estranho
Por ti verteram lagrimas de sangue,
E resgatando a fé despedaçada,
Vingáe nossos avós!...

³⁴ A referência é aos irmãos Andrada — **José Bonifácio de Andrada e Silva, Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva**. Eles foram figuras centrais e de grande poder intelectual e político no processo da Independência do Brasil e durante o Primeiro Reinado. A ausência deles é evocada no poema como um símbolo da falta de lideranças fortes e virtuosas para sustentar a pátria.

MANHÃ DE MAIO

Á BRANDINA MAIA

*A madrugada
Recatada no veio d'espessa bruma
Apparece, respira-se alegria!*
THEOPHYLO BRAGA.

Querida, a estrella d'alva ao mar s'inclina;
Solta a calhandra o canto da matina
Na côma ingente da giesta em flôr!
A natureza é uma óde immensa:
Eleva-se de cada mouta densa
Um hymno ao Creador!

Deixemos a cidade: além, a veiga
Nos guarda a olencia apaixonada e meiga
Dos corymbos que agita a viração.
Vês? Desponta uma rosa em cada galho,
E das rosas tremula o doce orvalho
No rubro coração!

Pelas espaduas asperas do monte,
— Gigante das legendas do horizonte,
Rôla a espuma de luz e alaga o val;
Ao molle influxo de teu riso mago
Desperta o euro e friza em doudo affago
Das lymphas o crystal!

E o nenuphar a estremecer de frio
Levanta a fronte cérula do rio
Expondo ao raio a face de setim;
As borboletas dansam como willis³⁵;
Esquece a louca abelha as amaryllis
No seio do jasmim!

Da selva secular nas verdes naves
Perdem-se ao longe os canticos suaves
Dos volateis psalmistas do sertão;
Ouves? A queixa turbida das mattas,
E o murmur merencorio das cascatas
Reboam n'amplidão!...

³⁵ As **Willis** (ou *Vilas*) são figuras do folclore eslavo, popularizadas no período romântico pelo balé *Giselle* (1841). São espíritos de noivas que morreram antes do casamento e que, à noite, saem de seus túmulos para dançar e se vingar dos homens, forçando-os a dançar até a morte. A comparação das borboletas com as Willis evoca uma imagem de dança etérea, fantasmagórica e sobrenatural.

Rasgando a profundeza fluctuante
Das nuvens a pilastra scintillante
Sustenta do infinito a concha azul;
E a concha do infinito é o quente ninho,
D'onde a estrella, doirado passarinho,
Voara para o sul!

Na terra — plena paz! plena harmonia!
Rôlam cantos de amor, de poesia,
No val, na serra, na extensão do mar!...
No firmamento — fogos peregrinos,
E a névoa a gottejar prantos divinos
De Deos ao terno olhar!...

É a hora em que a préce da serrana
Vae fervente da placida cabana
Ás plantas expirar do Redemptor!
Em que a loira creança acorda rindo!
E corta o dorso do oceano infindo
O pobre pescador!

E a phantasia arroja-se no espaço
Da calligem quebrando o frio laço
Para ondular no pélago de anil!
E Deos desprende para ti, formosa,
A essencia virginal da tuberosa,
Que s'emballa no hastil!

Em nosso seio brinca a primavera,
Em nossa frente a lúcida chiméra³⁶
Verte a flamma voraz da inspiração;
Pois bem! que o vento leve á divindade
Do puro altar de nossa mocidade
O incenso da oração!...

³⁶ A **Quimera** (*Chimera*), na mitologia grega, era um monstro híbrido que cuspia fogo. Com o tempo, o sentido da palavra se expandiu para significar qualquer ilusão, fantasia ou utopia. No poema, a "lúcida quimera" é uma imagem paradoxal que representa a inspiração poética: uma fantasia (quimera) que, ao mesmo tempo, traz clareza e iluminação ("lúcida") à mente da juventude.

A' REZENDE

*Eu te achei, meu bordão de romeiro
Quando mal m'esperavas... talvez!*
TEIXEIRA DE MELLO.

Emfim te vejo, estrella da alvorada,
Perdida nas cellagens do horizonte!
Emfim te vejo, vaporosa fada,
Dolente preza de um sonhar insonte!
Emfim, de meu peregrinar cançada,
Pouzo em teu collo a suarenta fronte,
E, contemplando as petreas cordilheiras,
Ouço o rugir de tuas cachoeiras!

Mal sabes que profundos dissabôres
Passei longe de ti, éden de encantos!
Quanto acerbo soffrer, quantos agrôres
Humedeci co'as bagas de meus prantos!

Sem um raio se quer de teus fulgôres...
Sem ter a quem votar meus pobres cantos...
Ai! O Simun³⁷ cruel da atroz saudade
Matou-me a rubra flôr da mocidade!

Vivi bem triste! O coração enfermo
Buscava embriagar-se de harmonias,
Porém via do céu no azul sem termo
Um presagio de novas agonias!...
O bolício do mundo era-me um ermo
Onde as lavas do amôr chegavam frias...
Só uma melancholica miragem
Doirava-me a soidão — a tua imagem!

Caminhei, caminhei sem ter descanso
Ao som das epopéas das florestas;
Caminhei, caminhei e no remanso
Da tarde, ouvi do mar as vozes mestas;
Nas ribas descancei de um lago manso
P'ra gozar do talento as nobres festas,
E adormeci na esmeraldina alfombra
Da palmeira real á grata sombra!

Caminhei inda mais: com nobre empenho
Penetrei no sagrado sanctuario
Onde o genio — em delirio — arrasta o lenho
Do trabalho, em demanda de um Calvario!

³⁷ O **Simum** (do árabe *samum*, "vento venenoso") é um vento forte, quente e seco que sopra nos desertos da Arábia e do Saara. A autora usa a imagem deste vento devastador como uma metáfora para a força avassaladora e destruidora da saudade ("atroz saudade"), que teria "matado" a flor de sua juventude.

Vi surgir sobre a tella, á luz do engenho,
E povoar o templo solitario,
Da Carioca a languida figura,
De Nhaguassú³⁸ o feito de bravura!...

Inclinada nas longas penedias
Acompanhei o vôo das gaivotas;
Meu nome arremessei ás ventanias
Sem que sentisse sensações ignotas!
Da musa do piano as melodias,
De uma flauta canôra as doces notas,
O gello que sorvi n'um mago enleio,
Tudo gellado achou meu debil seio!...

Mas apoz negridão de noite lenta,
Na curva do horizonte o sol resplende:
Apoz o horror de tétrica tormenta,
Gazil santelmo lá no céu se acende;
Apoz o latejar da dôr cruenta
Vejo-te emfim, ó placida Rezende,
Debruçada no cimo da colinna,
Sorrindo meiga á exhausta peregrina!

Abre-me os braços, filha do occidente,
Quero beber teus mádidos luâres!
Quero escutar o solluçar plangente
Do vento pelas franças dos palmares!

Não vês que no meu labio ha sêde ardente?
Que calcinou-me a tez o sol dos mares?...
Ah! mostra ao passo meu tardio, incerto,
A sombra d'arequeira do deserto!

Que saudades que eu tinha das campinas,
D'estes prados e veigas odorantes!
De teu tyrso de candidas neblinas
Recamado de auroras cambiantes!
D'estas brandas aragens matutinas
Que doudejam com as ondas murmurantes,
De tudo, tudo quanto em ti resumes,
Formosa noiva dos estivos lumes! —

³⁸ **Carioca e Nhaguaçu** (ou Anhangá-guaçu) são personagens do poema épico *A Confederação dos Tamoios* (1856), de Gonçalves de Magalhães. O poema, um marco do indianismo romântico no Brasil, narra a aliança de tribos indígenas (Tamoios) contra os colonizadores portugueses. A menção a estas figuras evoca o universo literário indianista, muito popular na época.

Na corolla da flôr de minha vida
Se aninha agora inspiração mais pura;
De meu rio natal a voz sentida
Desperta em mim um mundo de ternura!
Em minha triste fronte empallecida
Mais uma estrophe limpida fulgura,
E no berço de tuas matas densas
Libo sedenta o orvalho de mil crenças!...

O' filha de Tupan³⁹, que um véo de brumas
Estendes sobre o misero precito;
O' ave linda, que as mimosas plumas
Aqueces nos ardores do infinito;

Garça gentil, que surges das espumas
Como da mente do poeta o mytho,
Emquanto a lua ondúla pelo espaço
Abre a meu somno eterno o teu regaço!

³⁹ **Tupã** (na grafia moderna) é uma das principais divindades do panteão Tupi-Guarani, associado ao trovão, ao relâmpago e à criação. Na literatura indianista do Romantismo brasileiro, Tupã é frequentemente sincretizado ou apresentado como a representação do Deus supremo. Ao chamar a natureza (ou a pátria) de "filha de Tupã", a autora a insere nesta tradição, enaltecendo a sua origem mítica e genuinamente brasileira.

MIRAGEM

Delivrez, frémissant de rage,
Votre pays de l'esclavage,
Votre mémoire du mépris
VICTOR HUGO⁴⁰.

Senhor, o calmo oceano
Do verão nas quentes noites,
Se revolta sobranceiro
Da tempestade aos açoites!
Encrespa o dorso potente
Dilacerando fremente
As azas do vendaval;
Faz scintillar a ardentia,
E arroja á nuvem sombria
Diademas de crystal!

Envolta em flocos de néve
Se levanta a cordilheira;
Sonha um raio ardente, ígneo,
Que lhe doire a cabelleira!

Fita audaz o vasto espaço,
Despedaça o tibio laço
Dos nevoeiros do sul;
Solta a côma de granito,
Vae devassar o infinito
Rasgando o cendal azul!

No espelho em que o sol se mira
A tarambola⁴¹ em delirios,
Corta co'as plumas de prata
Da espuma os nitidos lyrios;
De sobre o escarcéo, ignota,
N'um vôo immenso a gaivota
Sonda os páramos do ar;
E dos paços encantados
Surgem peixinhos doirados
Que saltam á frôl do mar!

⁴⁰ **Victor Hugo** (1802-1885) foi um romancista, poeta e dramaturgo francês, autor de clássicos como *Os Miseráveis* e *O Corcunda de Notre-Dame*, e uma das mais importantes figuras do Romantismo. A citação, que pode ser traduzida como "Livrai, tremendo de raiva, / Vosso país da escravidão, / Vossa memória do desprezo", revela o engajamento de Victor Hugo com a causa abolicionista. Ao escolhê-la, Narcisa Amália alinha explicitamente sua poesia à luta internacional contra a escravidão.

⁴¹ A **tarambola** é um gênero de ave pernalta, migratória, conhecida por frequentar zonas costeiras e praias. A imagem da tarambola "em delírios" cortando os lírios da espuma do mar é uma construção poética que busca transmitir a beleza e a agitação da vida na natureza litorânea.

Oh! tudo, tudo se expande
Ás auras da liberdade!
A treva calcando ás plantas,
Demandando a immensidade!
Do incenso a loura neblina...
O som da voz argentina
Que canta idyllios de amores...
Do Nuttal o pó ardente...
Da matta a cup'la virente...
Do rio os tenues vapôres!

E sob o céu sempre bello
Da mais seductora plaga,
Beija — o rei — da natureza
O ferro que o pulso esmaga?!
Qu' importa que os saxeos montes
— Atalaias de horizontes —
Clamem do ar n'amplidão:
“ Levanta-te, ó povo bravo,
Quebra as algêmas de escravo
Que aviltam-te o coração ”?!...

Rompem-se esforços insanos,
Esmaga-se o flagicio lento;
Mas a verdade sublime
Não aclara o firmamento.
Descera a mortalha fria
Que do mais formoso dia
Enturvava o alvorecer,
E não transborda ruidoso
O vagalhão luminoso
Que o sceptro deve sorver!?

Meu Deos, quando ha de esta raça,
Que genuflexa rebrama,
Erguer-se de pé, ungida,
Das crenças livres na chamma?
Quando ha de o bemdicto tufão
Trazer, das turbas ao grito,

O verbo de Mirabeau⁴²?
E a luz da moderna idade
Ao craneo da mocidade
Os sonhos de Vergniaud?!...

⁴² Aqui são citados dois importantes oradores da Revolução Francesa. **Honoré Gabriel Riqueti, Conde de Mirabeau** (1749-1791), foi um notável tribuno no início da Revolução. **Pierre Victurnien Vergniaud** (1753-1793) foi um dos líderes da facção dos Girondinos. A menção a eles evoca um ideal de liberdade e de transformação social radical, que a autora deseja para o Brasil.

Oh! dá que em breve eu contemple
Aos puros raios da gloria
O feito altivo gravado
Nos fastos da patria historia!
Dá que d'este somno amargo,
D'este pélago em lethargo
Que nos envolve no pó,
Surja a vaga triumphante
Que anime no tumulto ovante
As cinzas de Badaró!

LEMBRAS-TE?

Á ADELAIDE LUZ

*La nature semblait n'avoir q'une âme amante,
La montagne disait: Que la fleur est
charmante!*

Le moucheron disait: Que l'océan est beau!⁴³

VICTOR
HUGO.

Era á tardinha: a luz no monte debruçada
Nos enviava o — adeus — com tépido languor;
Brincava em nossas tranças a briza embalsamada,
Tudo ante nós sorria, desde a graminea á flôr.

E tu me perguntaste com essa falla aérea,
Tomando minha mão nas tuas mãos mimosas:
— “ Porque scismando fitas a vastidão siderea?
Porque contemplas muda as tenues nebulosas?”

Escuta: a terra sagra ao sol mil harmonias!
A fonte ondúla tremula a superficie azul;
Vagam no espaço — errantes — celestes melodias,
E róseas nuvens cingem a amplidão do sul.

No ar brincam as sombras com seus fulgores pallidos,
As dryades desdobram as azas transparentes;
Esquece a magnolia do dia os raios callidos,
E os alvos nenuphars se occultam nas correntes.

Ao longe, o busto negro de immensa serrania
Campêa magestoso ao languido clarão...
Esváe-se lá nas selvas o som d'Ave-Maria...
E a trepadeira rubra alastra o molle chão.

Argenteas cataratas rolando pelas fragoas
Sacodem catadupas de lindos diamantes;
Na face dos arroios, na candidez das aguas,
Perfumam mariposas os corpos cambiantes.

⁴³ A citação do poeta francês Victor Hugo (1802-1885) pode ser traduzida como:

"A natureza parecia ter apenas uma alma amante,
A montanha dizia: Como a flor é encantadora!
O moscardo dizia: Como o oceano é belo!"

O trecho é do poema "La Fête chez Thérèse", parte da célebre coletânea Les Contemplations (1856). A escolha desta epígrafe reforça o tema do poema de Narcisa Amália: a percepção da beleza e da harmonia na natureza, onde todos os elementos, do grandioso (a montanha) ao minúsculo (o moscardo), parecem dialogar e expressar admiração.

Além solluça a rôla um cantico saudoso...
Entorna-se a poesia do firmamento á flux;
Gemem eolias harpas, e o manto luminoso
Do céu, desvenda as loiras palhetas que produz!

Não me perguntes mais com essa falla aëria
Porque muda contemplo as tenues nebulosas,
Porque scismando fito a vastidão siderea,
O' sylphide embalada em névoas vaporosas!

Vejo no lago azul, na flôr, nos verdes montes,
O Ser que cria a briza, e doira o arrebol;
Que impelle a nuvem tumida por sobre os horizontes,
Que fazendo-nos de pó, vestiu de luz o sol!...

E se passas entre páramos
Nos braços de mil anginhos;
Se vaes banhar-te nos lagos
Do lyrio aos langues affagos,
Saúdam-te os passarinhos!

Ah! quebra a mudez intermina
Meiga irmã dos pyrllampos!
Não vives de poesia?
Porque percorres sombria
Do céu os lucidos campos?

Estendo-te os braços tremulos,
Vem desvendar-me o mysterio;
Contar-me as latentes dôres,
A causa dos teus pallôres,
Rainha do reino aërio.

Depois... ao clarão esplendido,
Seguindo-te os lentos passos,
Contar-te-hei meus pesares
Em frente á extensão dos mares,
Presa em teus délios laços.

Mas não tentes, em silencio,
Sondar a chaga dorida!
É tarde, virgem, é tarde,
No meu seio apenas arde
Uma scentelha de vida!

SETE DE SETEMBRO

*Ergueu-se a mão de Deus sobre o Ypiranga
Quando o esteio alluiu do despotismo.*
FELIX DA CUNHA.

*Eu vain l'injuste violence
Au peuple qui le loue imposerait silence;
Son nom ne perira jamais,
Le jour annonce au jour sa gloire et sa
puissance.*

RACINE.⁴⁴

Salve! dia feliz, dacta sublime
Que despertas o sacro amor da patria
Em nossos corações!
Salve! aurora redemptora que eternisas
A era em que o Brazil entrára ovante
No fórum das nações!

Áquem do oceano, entre choréas mysticas,
Co'a immensa côma abandonada aos ventos
Descançava a dormir,
O filho altivo das cabralias scismas;
— Calmo como a Sybilla que tateia
Mysterios do porvir!

E os ósculos ardentes do pampeiro
Do gigante adormido os lassos membros,
Enchiam de vigôr,
E os délios raios da saudosa lua
A soberba cabeça lhe adornavam
D'estemmas de fulgôr.

Um dia... ai! despertou, vendo cortado
Pela infame cadêa dos captivos
O nobre pulso seu;
Estremecêra em ancias: lava ardente
Rugíra incendiada pelas fibras
Do novo Prometheu!...

⁴⁴ A citação é do dramaturgo francês Jean Racine (1639-1699), um dos maiores nomes do teatro clássico. Os versos são do coro final de sua tragédia bíblica Esther (1689) e podem ser traduzidos como:

"Em vão a violência injusta
Imporia silêncio ao povo que O louva;
Seu nome jamais perecerá,
O dia anuncia ao dia a Sua glória e a Sua potência."

No contexto original, os versos são um louvor a Deus, afirmando que Sua glória é eterna e não pode ser silenciada pela tirania. Ao usar esta citação para abrir um poema sobre o Sete de Setembro, Narcisa Amália eleva a Independência do Brasil a um evento de dimensão sagrada, colocando-a sob a proteção divina e afirmando que a glória da nação, assim como a de Deus no poema de Racine, jamais será esquecida.

E os mundos agitaram-se nos eixos;
E o mar convulso arremessou aos ares
 Crystaes em turbilhões;
E a humanidade inteira ouviu tremendo
O brado heroico que rasgára o peito
 Do genio das soidões!

Apóz insano esforço, ergueu-se ingente
Calcando aos pés a algema espedaçada
 Da luta no estertor,
E o Amazonas foi dizer aos mares,
E os Andes se elevaram murmurando:
“ Eis-nos livres, Senhor! “

Tu fôste meiga estrella que fulguras,
Apontando o caminho ao pegureiro
 Expôsto ao vendaval;
Rosa orvalhada de divinas lagrimas,
Que o collo purpurino reclinaste
 No solio de Cabral;

Liberdade gentil, visão dos anjos,
Clicia mimosa balouçada á sombra
 Pelo bafo de Deos,
Tu fôste, como sempre, a luz d'alliança
Que a santa chamma n'alma aviventaste,
 Roubando-a aos escarcéos!...

Mas não se cinge a escravidão á algêma:
A terra que sagrar vieste livre
 Do futuro no altar,
Rasgado o seio por voraz abutre,
Vê-se óra entregue á escravidão dos erros,
 Sem forças, vascillar!

Ah! não te esqueças d'este augusto dia!
Ampára o debil povo que se curva
 Ante um falso poder!
Desdobra tuas azas refulgentes
Sobre o leito funereo em que repousa
 O martyr Xavier!

E quando os filhos teus tendo por bussola
A crença livre que n'antiga idade
 Fundiu tantos grilhões,
Remontarem aos pólos do futuro
Enchendo o vacuo de um presente inerte
 De industria e aspirações;

Serás tu, liberdade sacrosanta
Que cingida de magos resplendores
Nos ungirás de luz!

Serás tu, que voltada p'ra o infinito
Nos guiarás na senda fulgurante
Que á victoria conduz!...

Salve! dia feliz, dacta sublime,
Que despertas o sacro amôr da patria
Em nossos corações!

Salve! aurora redemptora que eternisas
A éra em que o Brazil entrára ovante
No fórum das nações!...

A NOITE

*Eu amo a noite solitaria e muda
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Alem do escuro que lhe tinge a face
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço.
GONÇALVES DIAS.*

O' Noite, meiga irmã da poesia,
Nympha em languidas scismas balouçada,
Abre-me o seio teu, pleno de encantos!
Oh! quero em ti fugir á dôr famelica
Que me devora o coração sem vida
E os seios de minh'alma dilacera!
Quero a fronte pendida alçar, envolta
Na fimbria immensa de teu manto tetrico!...

Debruça-se a nopália enfraquecida
Se o calix lhe bafeja o Norte adusto;
Desmaia a vaga azul na praia curva
Como um arco indiano, quando céleres

Do favonio indolente os leves beijos
Estrôlam da laguna a nivea opala;
Tambem meu coração se estorce e sangra
Do soffrimento entre as cruentas fragoas!

E tu, que as alvas pétalas requeimadas
Alentas com uma lagrima celeste;
Tu, que da espuma da amorosa ondina
Fórmias na concha a preciosa pérola;
Concede ao peito meu que a magua enlucta
Inda um momento de serenos gozos...
Um r'so que meus labios illumine,
Um só lampejo de fugaz delicia!

O' fonte de illuzões, sobre teu collo
Repouza exangue o desgraçado escravo;
Ao silencio que espalhas sobre a terra
Implora o triste bardo a estrophe rutila,
Que se expande em torrentes de harmonia!
E o pobre, em aureos sonhos, transportado,
Contempla a mésse que promette o estio
Aos filhos desditosos da miseria!

Quanto te amo, ó Noite! A' molle queixa
Da briza que adormece na floresta
Confundo meus tristissimos gemidos;
A' melodia das espheras pallidas

Que as orlas de teu véo sombrio bordam,
Concerto os threnos que o soffrer me inspira;
E a gôta amarga que me sulca as faces
Á um teu sorrizo se converte em balsamo!...

Quando na extrema do horizonte infindo
Do sol se apaga o derradeiro raio;
Quando lenta e tardia desenrolas
De teu manto real a téla plumbea;
Quando vaes rociar a lagem tosca
Da fria sepultura com teus prantos,
O múrmurio dos mundos emmudece
Ante tua grandeza melancolica!...

E se a filha gentil de teus amôres
Cingida de pallôr no ether brilha;
Se a poeira dos astros scintillantes
Do Senhor do universo esmalta o sólio;
Minh'alma desatando os terreos laços,
De vaga phantasia arrebatada,
Vae pelos raios de formosa estrella
Aninhar-se do elysio na flôr cérula!...

O' Noite, meiga irmã da poesia,
Nympha em languidas scismas balouçada,
Abre-me o seio teu, pleno de encantos!
D'esse rogaço o divinal mysterio

Faz-me esquecer a angustia cruciante
De passadas vizões! E de meu seio,
Teu morno sopro nas geladas cinzas,
Anima a esp'rança de um futuro esplendido!...

VÊM!

*Venez; l'onde est si calme et le ciel est si pur!*⁴⁵

VICTOR HUGO

Lyrio mimoso dos jardins ceruleos,
Plácido archanjo de brilhantes vestes,
Vem, Somno, e com teu sceptro fulgido
Fecha-me os olhos.

Não vês que as sombras se desdobram tétricas?
Que Eólo geme sem já ter um silvo?
Não vês que os genios do oceano indomito
Languidos choram?

Vem, que a fragancia dos junquilhos candidos,
Se casa ao murmur da fugaz corrente;
Ha na folhagem das sombrias arvores
Turbida queixa.

Se ao leito foges em que róla o sceptico
Turbando a noite co'a blasphemia impia,
Tu vens da virgem deferir a supplica
Timida e pura!

E quando baixas, bello sêr noctivago,
Vertendo orvalhos, mitigando dôres,
As magnolias que se alteiam pallidas
Curvam-se n'haste.

O pobre escravo n'um languor benefico
Recobra forças para a luta insana;
Lasso proscripto, todo o horrôr do exilio
Misero! — esquece.

A branca pomba, da doçura symbolo,
Occulta a fronte sob as niveas azas;
E o rei das fêras nas cavernas lybicas,
Flascido tomba!...

O cafre exausto sobre a areia torrida
Busca a palmeira no Sahára erguida;
E goza ao sopro de teu meigo halito,
Magico encanto!

⁴⁵ A epígrafe em francês, de Victor Hugo, traduz-se como: "*Vinde; a onda é tão calma e o céu é tão puro!*". A nota também faz referência a **Éolo**, que na mitologia grega, é o deus dos ventos. A imagem de Éolo gemendo "sem ter um silvo" (assobio) é uma forma poética de descrever uma noite de calma absoluta, sem vento, o que contribui para a atmosfera tétrica e silenciosa do poema.

Oh! mais não tardes, vem ungir-me as palpebras!
Meu ser emballa n'um doirado sonho!
Rasga o véo denso que limita o vacuo,
Mostra-me a patria!...

PESADÊLO

Á MEU PAE, O SR. JACOME DE CAMPOS

I

*A toi ce dur métier,
D'empêcher que le droit ne meure tout entier;
A toi, vers fossoyeur, de deterrer les ombres,
De secouer des morts le spectre gémissant,
De mettre au front du crime une marque de sang!⁴⁶*
JEAN LAROCQUE.

Quando nas horas mortas da noite que se esvâe
Me impallidece a face e a fronte me descâe,
Eu d'essa vastidão sem fim do mar do mundo
Colho as raras pérolas que dormem lá no fundo;
E vêjo a luz mostrar-se a custo, fugitiva,
Por entre densas trevas a scintillar captiva.

Da velha idade ao sol... Na Grecia florescente
Cahindo o persa audaz, não vê a lava ardente
Que lavra d'esses peitos nos fervidos vulcões!
Da patria a queixa rasga os gregos corações:
Levanta-se Milciades e nas guerreiras lides
Abraça o genio másculo do integro Aristides!

Além folgava Roma em seus festins ruidosos,
— Berço da impia Tullia e regios criminosos, —
E a sanha do Soberbo — rugia sob os véos
De fulgidos zimborios e lindos coruchéos:
Mas a honra de Lucrecia⁴⁷, por um principe ultrajada,
No sangue dos senhores por Bruto foi vingada.

⁴⁶ A ti este duro officio,
De impedir que o direito morra por inteiro;
A ti, qual coveiro, de desenterrar as sombras,
De sacudir dos mortos o espectro que geme,
De pôr na fronte do crime uma marca de sangue!

A epígrafe é dedicada ao pai da autora, e esses versos o elogiam, atribuindo-lhe a difícil tarefa de ser um guardião da justiça e da memória, aquele que expõe e marca os crimes do passado.

⁴⁷ A nota refere-se à lendária fundação da República Romana (509 a.C.). **Lucrécia**, uma nobre romana, teria sido estuprada por Sexto Tarquínio, filho do rei Tarquínio, o Soberbo (mencionado no poema como "o Soberbo"). Após revelar o crime, ela cometeu suicídio. Liderados por **Lúcio Júnio Bruto** ("Bruto"), os romanos se revoltaram, expulsaram a família real e aboliram a monarquia, instaurando a República. A história simboliza a vitória da honra e da liberdade sobre a tirania.

N'essas montanhas invias, nos alcantis virentes,
 Na limpidez dos lagos de ondulações trementes;
 No seio d'esse ninho formado de mil flôres,
 Onde cantam idyllios os timidos pastores,
 Eu vejo fulminadas as aguias poderosas
 Que de Tell desafiaram as iras bellicosas.

No chaos da confusão harquejam parlamentos;
 Trêmulo de ardôr, reúne esparsos regimentos
 E á frente das phalanges intrepidas, luzidas,
 Vingança! — brada Cromwell ás raças oprimidas.
 Com rapidez terrível o gladio soberano
 Atira ao pó a frente do placido tyranno!

E vêjo um lidador com santo entusiasmo
 Tentar roubar a Italia á seu servil marasmo;
 Reatear a chamma — a chamma amortecida
 Na meza do banquete, na morbidez da vida!...
 Mas ai! de um fêro papa, ao mando assassinado,
 Rienzi o invencível cahiu sacrificado!

E lá quando a Polonia nas garras de seus erros
 S'estorce, enchendo em vão de lagrimas os cerros,
 Encelado sublime, em frente ás invasões,
 Destaca-se Kociusko erguendo as multidões!...
 Escripta estava a sorte: devasta a Prussia a plaga,
 E o esforço sobre humano a Russia fria esmaga.

A filha de Albion activa repouzava
 A'quém do vasto mar, ante a mãe patria—escrava;
 Quebra o patriotismo o leito em que dormia,
 Ergue-se o povo heróe e a luta acaricia:
 Silvando vôam balas, o echo acórda os montes,
 Livre surge a nação enchendo os horizontes!...

II

*Ton souffle du chaos faisait sortir les lois;
 Ton image insultait aux dépouilles des rois,
 Et, debout sur l'airain de leurs foudres guerrières,
 Entretenait le ciel du bruit de tes exploits.*
 CASIMIR DELAVIGNE.

Salve! oh! salve Oitenta-e-Nove⁴⁸

⁴⁸ **Oitenta-e-Nove** é uma referência direta ao ano de 1789, marco da Revolução Francesa, um evento evocado no poema como um momento de ruptura com a tirania e de grande inspiração para os poetas românticos. Para introduzir esta seção, a autora usa uma epígrafe do poeta francês **Casimir Delavigne** (1793-1843), cujos versos podem ser traduzidos como: "*Teu sopro do caos fazia surgir as leis; / Tua imagem insultava os despojos dos reis, / E, de pé sobre o bronze de seus raios guerreiros, / Entreteinha o céu com o barulho de tuas façanhas.*" Curiosamente, Delavigne escreveu estes versos sobre a Revolução de Julho de 1830 na França. Ao usá-los aqui,

Que os obstaculos remove!
Em que o heroismo envolve
O horrôr da maldição!

Rolam fronte lauradas,
Tombam testas corôadas
Pelo povo condemnadas
Ao grito — revolução!

Cahem velhos privilegios
D'envolta co'os sacrilegios;
São trophéos — os sceptros regios,
Mitra, burél, e brazão⁴⁹!
E os tres esquivos estados
Fundem-se em laços sagrados,
Que prendem os libertados
Aos pés da revolução!

No pedestal da igualdade
Firma o povo a liberdade,
Um canto á fraternidade
Entôa a vóz da nação,
Que em delirio violento
Fita altiva o firmamento,
E adora por um momento.
A deusa — Revolução!...

Os odios secam o pranto,
A ira tem mago encanto,
E a morte sacode o manto
Lançando craneos no chão!

Aqui — são longos gemidos
D'esses que tombam feridos;
Ouve-se além — os rugidos
Da fêra — revolução.

Narcisa Amália conecta as duas grandes revoluções francesas, utilizando a imagem de uma força caótica e popular que cria uma nova ordem ("fazia surgir as leis") e desafia a monarquia ("insultava os despojos dos reis").

⁴⁹ Aqui a autora utiliza símbolos para representar os **Três Estados**, a divisão social da França pré-revolucionária: a **Mitra** (ornamento usado por bispos) representa o Primeiro Estado (o clero); o **Burél** (tecido grosseiro, metonímia para os trabalhadores e a burguesia) representa o Terceiro Estado (o povo); e o **Brazão** (símbolo da nobreza) representa o Segundo Estado (a nobreza). O verso descreve a dissolução dessa antiga ordem pela revolução.

Treme a humana potestade
Ante tanta mortandade!
Proclama que a sociedade
Agoniza em convulsão!
Erguem-se estranhas fileiras
Vão devassar as fronteiras,
Bradando ás hostes guerreiras:
— Abaixo a revolução!

O nobre povo oprimido
Supõem fraco e vencido;
Medem-lhe o sangue espargido
Nas vascas da confusão.
Não sabem que é mais vehemente
Dos livres o grito ingente,
Quando rebôa fremente
À luz da revolução!

Levanta-se hirta a phalange
E a louca marcha constringe;
Rindo-se aguça o alphange⁵⁰
Tendo por guia a razão!

Ao sibilar da metralha
O obuz gemendo estraçalha,
E o vasto campo amortalha
Quem fêz a revolução!

Cobre a bandeira sagrada
A multidão lacerada,
E da França ensanguentada
Assôma Napoleão;
Surge da borda do abysmo
O genio do christianismo,
E dos martyres o civismo
Confirma a revolução.

⁵⁰ A autora utiliza dois termos bélicos para descrever o povo revolucionário. A **Falange** (*phalange*) era uma formação de infantaria compacta e retangular, famosa na Grécia Antiga, simbolizando a união e a força coletiva. O **Alfange** (*alphange*) é um tipo de espada curta e curva, de origem árabe, representando a arma afiada da revolução, guiada pela "razão".

III

*Que palmas de valor não murcha a grande historia!
O povo esquece um dia os inclytos varões...*
PEDRO LUIZ.

Contempla, minha patria, sobranceira,
D'essas hostes os louros refulgentes;
E procurando a gloria em teus altares
Entretece uma corôa á Tira-dentes.

Viste marchar ao exilio acorrentados
Quaes fêras que teu seio regeitava,
Os mais que desprender-te o pulso tentam,
E dormiste sorrindo — sempre escrava!...

E quando retumbou no espaço um brado
Tentando sacudir-te a negra côma,
Curvaste-te ao flagicio fratricida
E déste ao cadafalso o — Padre Roma!⁵¹

E não contente, apóz a eximia aurora
De tua amesquinhada independencia,
Mais victimas votaste em holocausto
Suffocando outra nobre inconfidencia.

Não bastavam, porém, tantos horrores
Que ennegrecem as brumas do passado;
Foi preciso que ás mãos de um assassino
Cahisse o grande heróe — Nunes Machado!

Foi preciso que em nome da justiça
De prisão em prisão vagando esquivo,
Acabasse afinal sem gloria e nome,
Em martyrio latente — Pedro Ivo!...

Mas se um dia o porvir abrir-te o livro
Que o presente te occulta temeroso;
Se com a vista medires a estacada
Em que o falso poder se ostenta umbroso;

Então, ó minha patria, n'um lampejo
Os erros surgirão da magestade;
E arrojará ao pó sceptros e thronos
Bradando ao mundo inteiro — liberdade!

⁵¹ **Padre Roma** (José Inácio de Abreu e Lima) foi uma das figuras centrais da Revolução Pernambucana de 1817, um movimento que proclamou uma república em Pernambuco por um breve período. Atuando como embaixador da nova república, ele foi preso na Bahia e executado por fuzilamento. Sua menção, junto com a de **Nunes Machado** e **Pedro Ivo** (líderes da Revolta Praieira de 1848), evoca a memória dos que foram sacrificados na luta por ideais republicanos e de liberdade no Brasil.

TERCEIRA PARTE

À

SUA DEDICADA AMIGA

A EXMA. SRA.

D. MARIA AMELIA D'IVAHY
BARCELLOS

O. D. C.

A AUTHORA.

CASTRO ALVES

*O livro do destino se entreabre
Deixando vêr nas paginas douradas
O seu nome fulgente, glorioso,
Que as turbas admiram assombradas!*
JOANNA TIBURTINA

*Deos quiz ouvil-o,
Deu-lhe um poema no céu — a
Eternidade!*
COSTA CARVALHO.

Porque convulsa e geme o patrio solo
Dos montes despertando os échos lugubres?
Porque emmudece o férvido oceano
E á terra, erma da luz, chorando atira
Mil turbilhões de lagrimos amargos?
Porque de sombras tétricas se vella
O firmamento azul? Que magua immensa
Enlucta os corações e arranca o pranto?!...

É que o somno final cerrára os olhos
De um filho das soidões americanas!

O sol que aviventára a chamma augusta
No peito dos titans do — Dous de Julho —⁵²
Illuminára o berço vaporoso
Do pallido cantor da liberdade:
As dulcinosas brizas lá do norte,
Ao ensaiar dos passos vascillantes,
Trasiam-lhe os queixumes, despertando
Um mundo de harmonias em su'alma!

E a dilecta creança estremecia
Sentindo em si a seiva do futuro.

⁵² O **Dois de Julho** de 1823 é a data que marca a consolidação da Independência do Brasil na Bahia. As tropas portuguesas, que resistiam à independência proclamada por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, foram finalmente derrotadas e expulsas de Salvador nesta data, após longas batalhas com participação popular. Castro Alves, sendo um poeta baiano, é diretamente associado a esta que é a data cívica mais importante de seu estado natal.

Mais tarde a fronte nobre, scismadôra,
Volvia ao céu para escutar-lhe os votos
E muda, á terra, re-volvía pavida
Como o propheta que a missão sublime
Das mãos de Deos recebe; desmaiava
Como desmaia a flôr da magnolia
Aos ardôres do estio. E radiosa
A patria contemplou-o embevecida!

Já não era a creança temerosa
Do confuso murmúrio das florestas;

De um róseo amanhecer: ora risonhos
Como as limpidas pérolas que entorna
A rotida alvorada, ora profundos
Como os cavos rugidos do Oceano!...

Estranha confusão de riso e pranto,
De luz e sombra, mocidade e morte!

Depois, cysne de amôr, deixou os lares
Demandando as campinas rociadas,
Onde echoára o brado alti-potente⁵³
De Independencia ou Morte. Alli desdenha
As tres irmãs que lhe apontavam gélidas
O porvir do poeta; vê o genio
A marchar, a marchar no itinerario
Sem termo do existir, morto de inveja!

⁵⁴« E o mísero de gloria em gloria corre
« Buscando a sombra de uns frondosos álamos.

« E queria viver, beber perfumes
« Na flôr sylvestre que embalsama o éther;
« Vêr su'alma adejar pelo infinito
« Qual branca véla n'amplidão dos mares;
« Sentia a voraz febre do talento,
« Entrevia um esplendido futuro
« Entre as benções do povo; tinha n'alma
« De amôr ardente um universo inteiro!

"Mas uma vóz lhe respondeu sombria:
— Terás o somno sob a lagem tosca!"

⁵³ A nota faz referência a dois elementos: o primeiro é o "**Grito do Ipiranga**", brado proferido por D. Pedro I que, segundo a tradição, selou a Independência do Brasil em 1822. O segundo, "**as três irmãs**", é uma alusão às **Parcas** (ou Moiras) da mitologia greco-romana, as três deusas que teciam, mediam e cortavam o fio da vida, determinando o destino dos mortais. O poeta, em seu gênio, desafia o destino fatal que elas lhe apontavam.

⁵⁴ O caractere « é um tipo de aspas chamado **guillemet** ou aspa angular. Em textos mais antigos em português, era muito comum usá-lo no lugar das aspas que conhecemos (")

E n'essas regiões sempre formosas
Onde acenava-lhe o fanal da sciencia,
O louco sonhador dos Tres Amôres
Colheu o fatal germen destrutivo
Que minou-lhe a existencia; quebrantado
Volveu ás plagas que deixára outr'ora
Por presentir, como unica esperança,
Um tumulto entre os seus, no patrio ninho.

E as almejadas palmas do triumpho
Converteram-se em lousa mortuaria!

Mas... não morreste, não, condôr brasileiro
Que nunca morrerão teus puros versos!
Não, não morreste, que não morrem Goethes,
Não morrem Dantes, Lamartines, Tassos,
Garrets, Camões, Gonçalves Dias, Miltons,
Azevedos e Abreus. Teus bellos cantos
Cortarão as caligens das edades
Como de Homero os divaes poemas!

E lá da eternidade onde repousas
Acolhe o canto meu que o pranto orvalha!...

A' A. CARLOS GOMES

(NO ALBUM DO MAESTRO)

*N'harpa estalada ao dedilhar primeiro
Não acho um canto para erguer-te ao mundo!
Não acho uma aza para erguer-me a ti!*
TEIXEIRA DE MELLO.

Nas ondas de applausos que rolam-te ás plantas
Mil anjos á flux,
Derramam-te n'alma delicias bem santas!
Circundam-te a fronte que altiva levantas
Corymbos de luz!

A gloria envolveu-te na faixa fulgente,
De puro esplendôr;
No seio aqueceu-te, mostrou-te contente
A senda bordada de louro virente,
De prantos sem dôr.

O genio brilhou-te na testa inspirada
Com vivos clarões;
A patria escutou-te sorrindo enlevada;
A fama cantando na tuba doirada,
Levou-te ás nações!

E em meio de chuvas de louros, de rosas,
Surgiu — Guarany. —
E o céu recamado de auroras formosas,
As auras, as flôres, as nuvens mimosas
Sorriram-se aqui.

Avante! E si longe da patria encontrares
Mimoso louvôr;
Descantem teus labios á luz dos luáres,
Saudades das filhas dos patrios palmares,
Dos anjos do amôr!

VISÃO

Á HELENA FISCHER

Esperança... e o symbolo do futuro,
o caminho incessante para o saber,
para a riqueza, para o céu.
JACOME DE CAMPOS⁵⁵.

Uma noite em que a febre da vigília
Escaldava-me o craneo e a phantasia.
Das regiões da luz e da harmonia
Eu vi baixar uma gentil visão;
Tinha na fronte eburnea, em vez de pampanos,
Grinalda de virgineas tuberosas,
E trazia nas alvas mãos mimosas
O sagrado penhor da redempção.

E perguntei: — Quem és, archanjo fulgido,
Que vens illuminar-me a noite escura?
Quem és, tu que derramas a frescura
No pudibundo calice da flôr?...

Serás acaso a ondina theotonica
Envolta das espumas no sudario?
Serás um raio vindo do Calvario
Para trazer-me vida e crença, e amôr?...

Vida... Não tentes, cherubim empyrico,
Reanimar a flamma extinta hoje!
Sinto que o cirio da razão me fuge
Da treva eterna no assombroso mar!
Crença... Embalde a pedi com longas lagrimas!
Embalde a clama meu soffrer profundo,
Como clamava Gøthe moribundo
— Luz! ás sombras silentes de Weimar!...⁵⁶

Amôr... Limpido aljofar que das palpebras
De Christo rôla fecundando o sólo!
Amôr... Suave balsamo, consolo
Que implora a humanidade ao pé da cruz!...
Oh! sim, aponta-me a miragem candida

⁵⁵ **Jacome de Campos** era o pai de Narcisa Amália. Ele foi a principal influência intelectual na formação da poeta, incentivando seus estudos e sua dedicação à literatura desde cedo. A presença de uma citação sua na abertura do poema "Visão" é uma homenagem filial e um reconhecimento de seu papel fundamental em sua jornada como escritora.

⁵⁶ A nota refere-se às supostas últimas palavras de **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832), um dos mais importantes escritores da literatura alemã e mundial, que faleceu em sua casa na cidade de **Weimar**. A tradição diz que suas últimas palavras foram "*Mehr Licht!*" ("Mais luz!"). Esta frase se tornou um símbolo da busca incessante do Iluminismo e do Romantismo pelo conhecimento e pela clareza em meio às "sombras" da ignorância e da morte

Que mostra ao crente o paraíso aberto;
— Estrella d'Israel, que do deserto
Aos braços da Victoria nos conduz!

Mas quem és, tu que vens erguer do pélagos
A aurora funeral de meu futuro?
Falla! Quem és, que um osculo tão puro
Depões em minha fronte de mulher?!...

"— Sou a Esperança, disse; em minha tunica
Brilha serena a lagrima do afflicto;
Tenho um solio no seio do infinito,
E banha-me o clarão do rosiclér!

Abre-me o coração pleno de angustias,
Conforto encontrarás em meu regaço;
Crearei para ti mundos no espaço
Onde segréde amôr aura subtil!
Onde em lagos azues de areias aureas
S'emballem redivivas tuas crenças,
E á meiga sombra das lianas densas
Vibres scismando as notas do arrabil.⁵⁷"

"— Curvo-me, ó anjo, a teu accento placido:
Já nem me punge tanto o soffrimento!
Sinto em meu peito o divinal alento
Que verte n'alma teu ceruleo olhar!
Á meus olhos se rasga atro sendalio,
Fito o incerto porvir mais calma e forte:
Já tenho forças p'ra lutar com a sorte
E voto a minha lyra em teu altar!"

⁵⁷ O **arrabil** (ou rabil) é um instrumento musical de cordas, ancestral do violino, de origem árabe e muito popular na Península Ibérica durante a Idade Média. A sua menção no poema evoca uma sonoridade arcaica e pastoral, ligada a um tempo antigo e bucólico, em contraste com a "lyra" (símbolo da poesia clássica) mencionada na estrofe seguinte.

A FESTA DE S. JOÃO

A' EXMA. SRA.
D. MARIANNA CANDIDA DE M. FRANÇA

I

O' noite plena de celeste encanto,
Fonte sagrada de abuzões suaves,
Deixa que eu prenda a teu sendal meu canto;
Deixa que eu libe teus harpejos graves,
O' noite plena de celeste encanto!

Quando do empyreo te debruças linda
Que doce paz no coração entornas!
Com a flôr mimosa da saudade infinda
O peito enfermo do proscripto adornas,
Quando do empyreo te debruças linda!

De teu bafejo ao perfumoso affago
O cactus abre a virginal corolla
E a ondina paira sobre o azul do lago!
Da brisa o threno no infinito rolla
De teu bafejo ao perfumoso affago!

E tudo, tudo quanto vive ama
Bebendo as lendas que teu manto espalha;
De Venus brinca a vaporosa flamma
Com o facho humilde do casal de palha,
E tudo, tudo quanto vive ama!

Em deredor de uma fogueira ardente,
Qual tropa inquieta de phalenas loucas,
Doudejam moças sobre a gleba algente;
E o riso entreabre coralinas bocas
Em deredor de uma fogueira ardente!

No chão resvalam como orvalho d'oiro
Fatuas scentelhas recortando o espaço;
Da lorangeira o doce fructo loiro
Da luz cedendo ao languescido abraço,
No chão resvala como orvalho d'oiro!

Corre o tambor a estravagante escala
Seguindo o canto que murmura o escravo;
Negra creoula a castanhola estala,
E á voz robusta que levanta um — bravo! —
Corre o tambor a estravagante escala.

O' noite plena de celeste encanto,
Fonte sagrada de abuzões suaves,
Deixa que eu prenda a teu sendal meu canto;
Deixa que eu libe teus harpejos graves,
O' noite plena de celeste encanto!

II

Rasgou-se a faixa nocturna
Que a natureza envolvia,
E a aurora rubra derrama
Torrentes de poesia;
Das cascatas, da floresta
Ergue-se um hymno de festa
Nas harpas da viração;
E o sol — Vesúvio sublime⁵⁸ —
Nos craneos vastos imprime
A lava da inspiração!

Erguendo ao Senhor hosannas
Curva-se n'ara o levita,
E a bençã conceda á turba
Que genuflexa palpita.
Da fé, á chamma divina,
Cada cabeça s'inclina
Banhada de etherea luz;
De cada labio rubente
A prece vòta fervente
Ungindo o pedal da cruz!

A creancinha dilecta
Rindo recebe o baptismo
E isenta de culpas, entra
No templo do christianismo!
A celeste uncção é gladio
Que vence o crime, palladio⁵⁹
A heresia infernal;
Abate as seitas erguidas
E leva'as almas rendidas
Á patria celestial!

⁵⁸ A referência é ao **Vesúvio**, o famoso vulcão localizado na Itália, conhecido pela erupção que destruiu as cidades romanas de Pompeia e Herculano no ano 79 d.C. Na literatura romântica, o Vesúvio é um símbolo poderoso do sublime: uma força da natureza que é ao mesmo tempo bela, terrível e grandiosa. Ao comparar o sol a um "Vesúvio sublime", a autora atribui ao nascer do sol a mesma força avassaladora e inspiradora de um vulcão em erupção, que derrama a "lava da inspiração".

⁵⁹ **Paládio** (em latim, *Palladium*) era, na mitologia greco-romana, uma estátua sagrada da deusa Atena/Minerva que, segundo a lenda, protegia a cidade de Troia. Enquanto o Paládio estivesse a salvo dentro dos muros, a cidade seria invencível. Por extensão, a palavra "paládio" tornou-se sinônimo de qualquer salvaguarda ou proteção sagrada e poderosa. No poema, a "celeste uncção" (o batismo) é descrita como um paládio contra a heresia.

Sim! quando em berço d'infante
— Ninho de crenças mimosas —
Onde o amôr brota em ondas
Onde rebentam mil rosas,
Resvala a gôta sagrada
Que verte na fronte amada
A luz das constellações,
O povo abraça a esperança
E a Deus eleva a creança
Nas azas das saudações!...

Por isso da célia estancia
N'um raio de caridade.
Á terra baixou radioso
O anjo da liberdade;
Que á fortes pulsos escuros
Unindo seus labios puros

Partiu um grilhão atrôz;
E de infelizes escravos
Fez talvez dez homens bravos,
Talvez dez outros herôes!

Oh! bemdicta a mão feminea
Que o empyreo entreabre ao precíto,
Que ao cégo aponta um caminho,
E á patria leva o proscripto!...
Oh! bemdicta a mãe formosa
Que olhando o filho, ditosa,
Manda o cadaver viver!
A oração do liberto
Subindo no vento incerto
Faz o céu graças chover!

.....

III

É noite, é noite de magia e enleio!
Buscando asylo em palpitante seio
Vôa o póllen da flôr!
Do ar sereno as vibrações eolias
Perfumam-se nas alvas magnolias,
Que languescem de amor!

Da sala festival pelas janellas
Celeres rolam catadupas bellas
De fulgidos clarões;
Venus surpresa, da azulada esphera,
Um raio de languor verte severa
Por entre as cerrações.

Os perfumes subtis causam vertigens;
Transborda de fulgôr o olhar das virgens,
Da madona ideal;
Como a planta a boiar sobre a corrente,
Adeja do mancebo o sonho ardente
N'um collo de vestal!

E cada riso anima uma esperança!
Aos sons da tentadora contradança
Olvida-se o soffrer...
O halito da bella o ar arôma,
E o rubor que na face nivea assoma
Trahe intimo prazer.

Dos labios de uma loura formosura
Enchendo o espaço de harmonia pura
Desata-se a canção;
P'ra ouvir-lhe a falla maviosa, a lua
Que no páramo intérmio fluctua
Penetra no salão!...

Canta, canta formosa peregrina
Que a tua merencoria cavatina
Acalma anceios meus!
O mundo é vario, perfido oceano...
Quando o deixares, cysne soberano,
Gorgeiarás nos céos!

O turbilhão da walsa o moço arrasta,
E á tez rubente da donzella engasta
A baga de suor...
Só eu meio á turba que doudeja
Sou como a Sphynge⁶⁰ que o Athbára beija
Sem vida... sem calôr...

O' noite divinal, plena de olôres,
Que estendes sobre a terra um véo de flôres
Abertas ao luar,
Verteste em meu sombrio pensamento
O orvalho sideral do esquecimento!
Oh! deixa-me te amar!...

⁶⁰ A referência combina mitologia e geografia. A **Esfinge** (*Sphynge*) é uma criatura mitológica com corpo de leão e cabeça humana, famosa no Egito (como a Grande Esfinge de Gizé) por seu silêncio e imobilidade enigmática. O **Atbara** (*Athbára*) é um rio importante no nordeste da África, um dos principais afluentes do Nilo. Ao se comparar à "Esfinge que o Atbara beija", a autora cria uma imagem de si mesma como uma figura solitária, imóvel, silenciosa e exótica ("sem vida... sem calôr..."), em contraste com a agitação ("turbilhão da walsa") ao seu redor.

RECORDAÇÃO

Á ADELAIDE LUZ

*... .. que distancia
Não vae d'hoje aquelles dias
De nossa risonha infancia!*
THEOPHILO BRAGA.

Lembras-te ainda, Adelaide,
De nossa infancia querida?
D'aquelle tempo ditoso,
D'aquelle sol tão formoso
Que dava encantos á vida?

Eu era como a flôrinha
Desabrochando medrosa;
Tu, alva cecêm do valle,
Entreabrias em teu caule
Da aurora á luz d'ouro e rosa.

Nosso céu não tinha nuvens:
Nem uma aurora fulgia,
Nem uma ondina rolava,
Nem uma aragem passava
Que não dêsse uma alegria!

Tu me contavas teus sonhos
De pureza immaculada;
Effluvios de poesia,
Threnos de maga harmonia...
Eras sibylla⁶¹ inspirada!..

E á nossos sêres replectos
D'esse amôr que não fenece,
Como sorria a existencia!
Quanto voto de innocencia
Levava ao céu nossa prece!

Hoje que apenas scintilla
Ao longe a estrella da vida,
Venho triste recordar-te
Esse passado, abraçar-te,
Minh'Adelaide querida!

⁶¹ As **Sibilas**, na antiguidade greco-romana, eram mulheres com poderes proféticos, capazes de transmitir as palavras dos deuses. Eram vistas como figuras sábias e inspiradas. Ao chamar a amiga Adelaide de "sibila inspirada", a autora a elogia como uma fonte de sabedoria e de revelações poéticas e sonhadoras.

O SACERDOTE

AO REVM. SR. VIGARIO

FELIPPE JOSE CORRÊA DE MELLO

C'est un ange venu sur la terre où nous sommes,
C'est l'homme presque Dieu consolant d'autres hommes.
GUIRAUD

Ente sagrado que sereno calcas
Os bravos cardos do terreno hôrto,
Erguendo os fracos que chorando prostram-se,
Entre a miseria a derramar conforto;
Dizei, que archanjo te sustenta, occulto,
Do mundo falso sobre as crús paixões?
Quem deu-te a crença que a sorrir espalhas
As multidões?

Quem deu-te aos olhos a celeste flamma
Que alenta a vida, e purifica a alma,
E o labio ungio-te do mellifluo verbo
Que tanta ardencia, tanta sêde acalma?...

Symbolo do Christo, tu entornas balsamos
Do peito afflicto sobre o chão revél...
Quanta nobreza não disfarça aváro
Negro burél!?

Teu doce imperio se revela eximio
Onde do despota o poder fallece,
Ao céo teu ser em sacrificio sobe
Nas brancas azas da singella préce.
Banha-se o crente, á teu suave accento,
Nas ondas loiras da caudal da fé;
Cahem por terra mil erroneas seitas
Hontem de pé!

O braço inerme protector estendes
Da virgem pura á candidez sublime,
Emquanto ao seio piedoso apertas
O réo, remido do negror do crime!
Após teus passos vão seguindo as benções
Do pobre enfermo que estendeu-te a mão;
Ao impio mesmo que blasfema, atiras
Doce perdão!

E quando exausto, para o vil patíbulo,
Caminha um homem que a justiça esmaga,
Sustendo a fronte que o terror desvaira
Além lhe mostras a sideria plaga;

Constricto escuta o condemnado a lenda
Das longas dôres que soffreu Jesus,
E quando pende-lhe a cabeça, expira
Beijando a Cruz!

Prosegue sempre n'essa trilha augusta;
Pára onde adeja a funeral desgraça!
Mas não te affastes dos festivos grupos,
— Quebra-se em breve do prazer a taça!
Se o frio sceptico ao rolar no abysmo
Fitar sombrio os tristes olhos teus,
Vêrá rasgar-se do sepulchro as sombras,
Julgar-te-ha Deus!...

Taes são, ó martyr de uma idéa, as luzes
Que oppões á treva tumular do mundo;
Ai! nunca invejes o bulicio inglorio
Das doudas turbas no labôr profundo!
Embóra o genio da desdita envolva
Nosso destino em funerario véo,
Por entre os prantos te verêmos sempre
Proximo ao céu!...

AMOR DE VIOLETA

*As violetas são os serenos pensamentos,
que o mysterio e a solidão despertam na
alma verdejante da esplendida primavera.*

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Esquiva aos labios lúbricos
Da louca borboleta,
Na sombra da campina olente, formosissima
Vivia a violeta.

Mas uma virgem candida
Um dia ante ella passa,
E vai colher mais longe uma faceira hortencia
Que á loira trança enlaça.

“ Ai! geme a flôr ignota:
Se pela côr brilhante
Que tinge a linda rosa, a tinta melancolica
Trocasse um só instante;

Como sentíra, ébria
De amôr, de mago enleio,
Do coração virgineo as pulsações precípites,
Unida ao casto seio!”

Doudeja a creança pallida
Na relva perfumosa,
E a meiga violeta ao pé mimoso e célere
Esmaga caprichosa.

Curvando a fronte exanime
Soluça a flôr singela:
“Ah! como sou feliz! Perfumo a planta eburnea
Da minha virgem bella!...”

O AFRICANO E O POETA

AO DR. CELSO DE MAGALHÃES

Les esclaves. Est-ce qu'ils ont des dieux?
Est-ce qu'ils ont des fils, eux qui n'ont point d'aïeux?
LAMARTINE⁶².

No canto tristonho
De pobre captivo
Que elevo furtivo,
Da lua ao clarão;
Na lagrima ardente
Que escalda-me o rosto,
De imenso desgosto
Silente expressão;

Quem pensa? — O poeta
Que os carmes sentidos
Concerta aos gemidos
De seu coração.
— Deixei bem creança

Meu patrio vallado,
Meu ninho emballado
Da Lybia no ardôr;
Mas esta saudade
Que em tumido aneio
Lacera-me o seio
Sulcado de dôr,

Quem sente? — O poeta
Que o elysio descerra;
Que vive na terra
De mystico amôr!
— Roubaram-me féros

Á férvidos braços;
Em rigidos laços
Sulquei vasto mar;
Mas este queixume
Do triste mendigo,
Sem pae, sem abrigo,
Quem quer escutar?...

— Quem quer? O poeta
Que os terreos mysterios
Aos paços sederios
Deseja elevar.

— Mais tarde entre as brenhas
Reguei mil ceáras

⁶² A citação é do poeta, romancista e estadista francês **Alphonse de Lamartine** (1790-1869), uma figura proeminente do Romantismo. Os versos, de seu poema *A Marselhesa da Paz*, podem ser traduzidos como: "Os escravos... Acaso eles têm deuses? / Acaso eles têm filhos, eles que não têm antepassados?". A escolha desta citação, que questiona a própria humanidade dos escravizados ao lhes negar a religião e a ancestralidade, estabelece imediatamente o tom abolicionista e de denúncia social do poema de Narcisa Amália.

Co'as bagas amáras
Do pranto revél;
Das mattas cahiram
Cem troncos, mil galhos;
Mas esses trabalhos
Do braço novél,

Quem vê? — O poeta
Que expira em harpejos
Aos lugubres beijos
Da fome cruél!
— Depois, o castigo

Cruento, maldicto,
Cahiu no proscripto
Que o simun crestou;
Coberto de chagas,
Sem lár, sem amigos,
Só tendo inimigos...
Quem ha como eu sou?!...

— Quem ha?.. O poeta
Que a chamma divina
Que o orbe illumina
Na fronte encerrou t...

— Meu Deos! ao precíto
Sem crenças na vida,
Sem patria querida,
Só resta tombar!
Mas... quem uma prece
Na campa do escravo
Que outr'ora foi bravo
Triste ha de rezar?!...

— Quem ha de?... O poeta
Que a lousa obscura,
Com lagrima pura
Vae sempre orvalhar!?

SADNESS

*Still visit thus my nights, for you reserved,
And mount my soaring soul to thoughts like yours.*
JAMES THOMSON⁶³.

Meu anjo inspiradôr não tem nas faces
As tintas coralinas da manhã;
Nem tem nos lábios as canções vivaces
Da cabocla pagã!

Não lhe peza na fronte deslumbrante
Cordão de explendôr e maravilhas,
Nem rouba ao nevoeiro fluctuante
As nitidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubésce o céu polar!
Trahe-lhe o semblante pallido — do anthiste
O acerbo meditar!

Traz na cabeça estemma de saudades,
Tem no languido olhar a morbidezza;
Veste a clamyde eril das tempestades,
E chama-se — Tristeza!...

⁶³ A citação é do poeta escocês **James Thomson** (1700-1748), um precursor do Romantismo na Inglaterra. Os versos, de seu longo poema "The Seasons" (As Estações), podem ser traduzidos como: "*Ainda assim visitai minhas noites, para vós reservadas, / E elevai minha alma ascendente a pensamentos como os vossos.*". A escolha de uma epígrafe em inglês de um poeta conhecido pela melancolia e pela contemplação da natureza estabelece o tom do poema "Sadness" (Tristeza).

O BAILE

*Esta fingida alegria,
Esta ventura que mente,
Que será d'ellas ao romper do dia?...*

GONÇALVES DIAS.

A noite desce lenta e cheia de magia;
A multidão febril do templo da alegria,
 Invade as vastas salas.
O marmore, o crystal, a seda e os esplendores,
Do manacá despertam os magicos olôres,
 A languidez das fallas.

Ao rutilar das luzes as dhalias desfaílecem...
Roçando o pó as vestes das virgens s'ennegrecem,
 Enturva-se a brancura...
O ar vascilla tépido... a musica divina
Semelha o suspirar de uma harpa peregrina...
 É a hora da loucura!

Pela janella aberta por onde o baile entorna
No éther transparente a vaga tibia e mórna
 Do halito ruidoso,
Da vida as amarguras espreitam convulsivas
O leve esvoaçar das phrazes fugitivas...
 O estremecer do gôzo!...

E tudo se inebria: o lampejar de um riso
Acende n'alma a luz gentil do paraizo,
 Arranca a jura ardente!
E maripoza incauta, em subita vertigem,
Arroja-se a mulher crestando o seio virgem
 Na pyra encandescente!

Aqui, na nitidez de um collo a côma escura
S'espraia em mil anneis, enlaça a fronte pura
 Aureola de rosas;
Da walsa ao giro insano, volita pelo espaço
Do cinto estreito, aerio, o delicado laço,
 As gazes vaporosas.

Alli, na meiga sombra indifferente a tudo,
Immerso em doce scisma um collo de velludo
 Ondula deslumbrante:

Que fogo occulto, ignoto, em suas fibras vaza
Vivido ardôr que faz tremer-lhe a nivea aza
 De garça agonisante?!...

Além, meus olhos tímidos contemplam com tristeza
As penas da mulher, d'essa — ave de beleza —
Calçadas sem piedade!...
Esparsas pelo sólo as laceradas rendas...
As flores já sem viço... abandonadas lendas
Da louca mocidade!

A festa chega ao termo; a harmonia expira;
A luz na convulsão final langue se estira
Pelo salão deserto;
Ha pouco — o doudojar da multidão festante,
Agora — o empalidecer da chamma vacillante,
Ao rosicler incerto!

Depois — a razão fria contando instantes lôdos
De castos devaneios, de juramentos trêdos
Ouvidos sem receio...
N'um corpo languescido o espirito agitado...
E a febre da vigília ao doloroso estado
Ligando vago anseio...

A vida é isto: hoje cruel grilhão de ferro;
Talvez d'ouro amanhã, mas sempre á dor, ó erro,
Aniquilando o genio!
Passado — aureo frizo n'um mar de indiferença;
Presente — eterna farsa universal, suspensa
Do mundo no proscenio!

FANTASIA

À BRANDINA MAIA

A emanation it is of rainbow:
— All beauty and peace...
Byron.⁶⁴

É bella a cecem do valle
Quando desponha mimosa,
Sobre o caule, melindrosa,
Ao rutilar do arrebol ;
Quando a göta ethérea e pura
Que chora o céu sobre a terra,
O lindo seio descerra
Aos frouxos raios do sol.

É bella a meiga creança
Sorrindo á luz da existencia,
Co'a alma — toda innocencia,
E a face — toda rubôr!

Os roseos labios ungidos
Por mil accentos — suaves
Como o gorgueio das aves,
Como um suspiro de amôr!...

Des'brocha o lyrio, mais alvo
Que o tenue flóco de neve;
A viração fresca e leve
Lhe oscula as pétalas—feliz;
Ternos carmes lhe murmura
A namorada corrente,
Que se deriva indolente
Por sobre o flóreo tapiz.

Assim a virgem formosa
Torna-se mais seductora,
Quando a poesia enflóra
Sua beldade ideal!
Quando no brilho fulgente
Dos olhos vividos, bellos,
Su'alma ardente de anhellos
Mostra candôr divinal!

⁶⁴ A citação é do poeta britânico **Lord Byron** (1788-1824), uma das figuras mais importantes do Romantismo. Os versos, do poema "The Siege of Corinth", podem ser traduzidos como: "*É uma emanção do arco-íris: / — Toda beleza e paz...*". A escolha de uma citação de Byron, conhecido por seu estilo apaixonado e melancólico, alinha o poema "Fantasia" a essa tradição romântica de buscar na natureza e nos sentimentos a mais pura expressão de beleza.

Então, se a fita a miseria
Sente no seio a esperança;
A um seu sorriso a creança
Ligeira tenta sorrir;
Aos lábios — casto delírio
Implora a audaz borboleta;
O mesmo altivo poeta
Pede-lhe um raio de amor!...

E tudo, tudo o que a cerca
De medrosos juramentos,
Vê, nos vagos pensamentos,
A candidez que seduz!
E tudo, tudo o que sofre
Vê que, á imagem de Maria,
A virgem — flôr de poesia —
Deus fez relecta de luz!

Que o Senhor a ti, ó virgem,
— Symbolo de amor e candura —
Poupe a taça da amargura
Que a meu lábio não poupou!
Que se desdobre nitente
A fita de tua vida,
De tantos sonhos tecida
Quanto o céu me negou!

JULIA E AUGUSTA

*Quanto ha no mundo de illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardam no peito;
Quanto ha de luz no céu mostram nos olhos,
Quanto ha de bello na alma.*
GONÇALVES DIAS.

São duas rosas se expandindo rúbidas
No brando caule com suave encanto;
São duas nuvens deslizando túmidas
Do campo aerio no azulado manto.

São duas ondas marulhosas, flascidas,
Que o tibio sopro do favonio friza;
São duas conchas deslumbrantes, nitidas,
Do mar na praia refulgente e liza.

São duas auras, perfumosas, tépidas,
Beijando as pétalas de uma flôr pendida;
São duas rôlas resvalando timidas
No dorso curvo do escarcéo da vida.

Duas auroras resurgindo limpidas
Por entre as trevas que a tormenta encerra;
Graças libradas sobre o espaço, fulgidas,
A cuja sombra se conchega a terra!

Uma — os rutilos das pupilas vividas
Vêla nos prantos de gazil ternura;
Na côr mimosa da Moema indigena
Concentra o ardôr da tropical natura!

Outra, revella nos olhares languidos
Toda a pureza da celeste estancia;
À tez formada de açucenas humidas
Rouba o outomno a festival fragancia!

Ambas — cingidas de virginia auréola
Firmes caminham na escabrosa trilha!
Feliz d'aquelle que sorvesse em osculos
O affecto immenso que em seus olhos brilha

NOCTURNO

*Oh! quelle joie dans la fraîcheur de cette belle
nuit d'été ! Comme on sent dans le calme ici tout
ce qui rend l'âme heureuse !*

— Goethe.⁶⁵

Languesce a calma ardente:

Nos ares, levemente,
Desdobra-se tremente
Da noite a côma escura ;
Do zéphyro o adejo
Envolve em longo beijo
O symbolo do pejo,
— A rosa da espessura.

A lympa marulhosa
Dolente, languorosa,
Estende-se chorosa
N'um leito de luar;

Além um canto sôa,
Por sobre a espuma vôa
Ligeira, uma canoa
Cortando o azul do mar.

Do espaço eis a princeza:
Na gélida beleza
Que doce morbidez,
Que angustia calma e funda!
E cada flôr nevada
Que dobra-se crestada
Na haste recurvada,
Co'a branca luz inunda!

Planetas fulgurantes
Se vélam, por instantes,
Nas rendas fluctuantes
Das nuvens de algodão;
Sacóde a noite o manto,
Na terra chove pranto...
Que vaporoso encanto
Embala a criação!...

⁶⁵ A citação, atribuída ao célebre escritor alemão **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832), está em francês e pode ser traduzida como: "Oh! que alegria no frescor desta bela noite de verão! Como se sente na calma, aqui, tudo o que torna a alma feliz!". O trecho é uma tradução francesa da obra de Goethe, possivelmente de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, e estabelece o tom noturno e contemplativo do poema.

O elysio tem fulgôres,
A terra orvalho, flôres,
E mysticos amôres
Que vélam descuidados;

Mas, ah! quanto lamento
Não sobe tardo, lento,
Na vóz do soffrimento,
No — ai — dos desgraçados?!...

Ao misero inditoso
Envia, ó Deos piedoso,
Um raio esperançoso
Que abrande a intensa dôr!
Na vaga que delira,
No euro que suspira,
Na casta e santa pyra
Lh'infunde teu amôr!...

A ROSA

*Que impia mão te ceifou no ardôr da sesta
Rosa de amôr, rosa purpurea e bella?*
ALMEIDA GARRET.

Um dia em que perdida nas trevas da existencia
Sem risos festivaes, sem crenças de futuro,
Tentava do passado entrar no templo escuro,
Fitando a tôrva aurora de minha adolescencia.

Volvi meu passo incerto á solidão do campo,
Lá onde não penetra o estrepitar do mundo;
Lá onde doira a luz o barathro profundo,
E a pallida lanterna accende o pyrilampo.

E vi airosa erguer-se, por sobre a molle alfombra,
De uma roseira agreste a mais brilhante filha!
De purpura e perfumes — a ignota maravilha,
Sentindo-se formosa, fugia á meiga sombra!

Ai, louca! Procurando o sol que abraza tudo
Gazil se desatava á beira do caminho;
E o sol, ébrio de amor, no fêrvido carinho
Crestava-lhe o matiz do collo de velludo!

A flôr dizia exhaústa á viração perdida:
“Ah! minha doce amiga abranda o ardor do raio!
Não vês? Jovem e bella eu sinto que desmaio
E em breve rolaréi no sólo já sem vida!

Ao casto peito uni a abelha em mil delírios
Sedenta de esplendor, vaidosa de meu brilho,
E agora em balde invejo o viço do junquillo,
E agora em balde imploro a candidez dos lyrios!

“Só me resta morrer! Ditosa a borboleta
Que agita as aureas azas e paira sobre a fonte;
Na onda perfumosa embebe a linda fronte
E goza álmo frescôr na balsa predileta!”

E a viração passou. E a flôr abandonada
Ao sólo tentou vellar a face amortecida;
Mas do calix gentil a pétala ressequida
Sobre a espiral de olores rolou no pó da estrada!

Assim da juventude se rasga o rôseo véo
E do talento a estatua no pedestal vacilla;
Assim da mente esvára-se a idéa que scintilla
E apenas resta ao crente — extremo asylo — o céu!

AVE-MARIA

SOBRE UMA PAGINA DE LAMARTINE

*Ma l'aere imbruna, e il bronzo della sera
C'invita alla preghiera.
IL GUARANY.*

O rei do dia vascillante, incerto,
Abandona seu carro de victoria,
E reclinado em rúbida alcatifa
Adormece no thalamo da gloria!
A cortina de nuvens cambiantes
Guarda o róseo vestigio de seus passos;
Á immensidão em luz a terra em sombra,
Prendem milhares de purpureos laços!

Como esplendida lampada de ouro
Do crepusculo suspensa á fronte núa,
Ondúla lá na fimbria do horizonte
De pallôr ideal cingida — a lúa!

A catadupa flascida dos raios,
Repouza somnolenta sobre a relva,
E o negro véo que cahe sobre a campina
Mais densa torna a negridão da selva!

A natureza envolve-se n'esta hora
Em faixas sideraes de poesia,
Vendo sumir-se o resplendor divino,
Vendo cahir da noite a lousa fria!
E murmurando a colossal estrophe
De um poêma de célica linguagem,
Ao Creador que o sol formou da treva
Offerece a magnifica homenagem!

Eis o immenso holocausto do universo
Da terra a vastidão tendo por — ara!
Por docel — a saphyra do infinito!
Por cirio — os mundos que o Senhor aclara!...
Os flocos purpurinos que vagueiam
Na planície do ar, do poente á aurora,
São columnas de incenso que embalsamam
Os pés do Deos que a natureza adóra!...

Porém é mudo o gigantesco templo!
Do céu é mudo o manto peregrino!
D'onde rebenta o celestial concerto?
D'onde se eleva o sacrosanto hymno?

No harmonico remanso só escuto
Pulsar meu coração, óra offegante...
A vóz augusta é nossa intelligencia
Que no éther fluctua irradiante!...

Nos rubôres da tarde que agoniza,
Sobre as azas balsamicas do vento,
Nosso sêr, sobranceiro á terrea urna,
— Subtil essencia — sobe ao firmamento!
E prestando uma falla a cada ente,
Trépido efflúvio a cada flôr rasteira,
— Ave de amôr — para a serena supplica
Com seus thrinos desperta a terra inteira!

Os páramos silentes do deserto
Parecem escutar a voz do Eterno!
As multidões constrictas buscam ávidas
Um só fulgôr de seu olhar paterno!
E Aquelle que ouve os psalmos das espheras,
Que contempla perenne a luz do dia,
N'este instante solemne, ao som dos sinos,
Faz subir uma prece — Ave-Maria! —

OS DOUS TROPHÉOS

VICTOR HUGO

Tem visto, ó povo, esta época
Teus trabalhos sobrehumanos,
Viu-te altivo ante os tyrannos
Calcar a Europa assombrada;
Creando thronos herculeos,
Despedaçando aureos sceptros,
Das corôas — vis spectros —
Mostraste o potente nada!

Em cada passo titanico
Semeavas mil idéas;
Marchavas: iam-se as péas
Que o torvo orbe prendiam;
Tuas phalanges incólumes
Eram vagas do progresso:
Transbordadas de arremesso
De cimo á cimo s'erguiam!

Vias a deosa da gloria
Cingir-te a fronte de louros;
Derramavam-se thezouros
De luz, por onde passavas!
E a Revolução flammivoma
Arremessava á Allemanha
Danton; a quem, sobre a Espanha
Com Voltaire triumphavas!

Como ante os filhos da Héliade,
Curvou-se o mundo aos Francezes;
Soberbo em frente aos revezes,
O crime cahiu-te ás plantas!
As trevas da idade média,
A pyra do Santo-Officio,
O inferno, o erro, e o vicio,
Com um lampejo quebrantas!

De teus esplendores limpidos
Estava a terra juncada;
Fugia a noite assustada
Ao reboar de teus passos!
Emquanto a senda estellifera
Trilhavas, ébrio de crenças,
Da historia as folhas immensas
Prendiam-te entre seus laços!...

Cem vezes pairando impavido
Nos campos que o sol descerra,
Curvaste a face da terra
A um teu aceno arrogante;
Do Tejo, do Elba a victoria
Ao Nilo, ao Ad'je corria,
E o povo titan jungia
O mesmo chefe gigante.

E os dous monumentos typicos
D'ahi surgiram um dia:
A columna — ingente e fria,
O arco — poêma ousado!
Ambos, ó povo, são symbolos
De teu poder infinito:
Um talhado de granito,
Outro de bronze amassado!...

São dous phantasmas terrificos
Dos passados esplendores;
D'outra idade vingadores
Se os vê, a Europa estremece!
Por elles velando tumido
Nosso amôr, sempre sombrio,
Nas almas accende o brio
Quando o vigor lhe fallece!

Se nos ultrajam estólidos
Eil-os ahi, testemunhos,
Do valor de nossos punhos,
Nos acenando á vingança;
No metal, no altivo marmore,
Tentamos dos veteranos
Vêr os sabios, livres planos,
A nobre perseverança.

Na hora da queda horrida
Mais vivo o orgulho scintilla;
Augmenta a palma que oscilla
O refulgir dos trephéos;
As almas no fogo vivido
Accendem a sacra chamma,
E o povo em luto rebrama
No estrugir dos escarcéos!

Outr'ora a phalange célere
Passava em pleno lampejo;
Como um cavo, longo harpejo
Rolava o trovão nos montes!
D'esses peitos magnanimos
Que resta? O trabalho ingente
Que á mocidade indolente
Mostra os negros horizontes!

As raças de hoje, mais pallidas
Que os finados de outras éras,
D'essas virtudes austéras
Nem mesmo a imagem possuem!...
E se elles tremem nos tumulos,
É teu alvião que sôa,
Tua bomba que rebôa
Contra os portentos que aluem!...

* * *

Horriveis dias são proximos,
Que signaes aterradores!
Clamam — basta! — os pensadores
Como Lear á procella!
Não póde morrer um século
Sem que um outro além desponte;
Do porvir — no germe'insonte —
Quem ousa manchar a téla?

Oh vertigem! Paris fulgida
Nem sabe quem mais a esmaga!
Se um poder que tudo estraga,
Se outro que tudo fulmina!...
Assim lá no Sahara torrido
Luctam contrarias tormentas,
Vibrando ás ondas poentas
Do raio a chamma divina!

Erram, ó povo, esses barathros!
O firmamento que freme,
O riço solo que treme,
Conjuntamente censuro!
Esses poderes coléricos
Cujas sanhas cresce ignáras,
Um tem a lei que o ampara,
Outro o direito e o futuro!..
Tem Versalhes — a parochia,
Paris ostenta — a communa;
Mas, além d'essa columna
Desata a França seu manto:
Quando devem verter lagrimas
É justo que se devorem,
Sem que a desdita deplorem,
Sem que vertam negro pranto?!...

Fatricidas! Gemem fêrvidos
Canhões, morteiros, metralha;
Além o vandalo espalha
Do inferno as fúrias revéis:
Aqui, campã Carybde,
Lá, Scilla avulta arrojado!
De teu fulgôr offuscado,
O' povo, vão-se os laureis!...

Ai! n'estes tempos infaustos
Em que inglorios vivemos,
Dous fortes dominios vêmos
Estranhamente rivaes!
Um toma o arco marmoreo,
Outro a pilastra imponente;
E o malho, e o obuz fremente
Tornam-se forças fataes!

Mas, vêde: é a França exanime
Que esses colossos sustentam!
Nosso valôr representam
Embóra ahi Bonaparte!
Sim, Francezes, se freneticos
Derribamos essa herança,
Que restará da provança?
Onde as honras do estandarte?!...

Se o senhor condemna indomito,
Mais forte o povo apparece;
Nobre a Sparta resplandece
Atravez do despotismo!
Abatei de um golpe a arvore,
Mas respeitae a floresta:
Quando chôra a patria mésta
Mais bello fulge o heroismo:

E tantas almas intrepidas
Nas espiraes balouçadas,
Enchem náos almirantadas,
Fossos, paízes, e campinas;
Franqueam muralhas sólidas,
Longas pontes, torres altas,
Saudando o porvir que assaltas
Com mil armas peregrinas.

Em vez de Cesar grandiloco
Collocae, justiça, Roma;
Vêr-se-ha que vulto assoma
N'esse cimo sobranceiro!
Condensae n'esta pyramide
A turba infrene, compacta;
Que o direito a estatua abata
Do assombro do mundo inteiro!

E que este gigante estrenuo
O — Povo — aclarando a estrada,
Tenha na mão uma espada,
De auroras cingido o busto;
Respeito ao soldado arbitro!...
A seus pés o odio expira!
Do vingador da mentira
Nada iguala o talhe augusto!

Surge — Oitenta e Nove — athletico
Ganhando vinte batalhas!
Marselheza, és tu que espalhas
Mêdo e assombro á velha idade!...
Se o granito aqui ostenta-se,
O bronze avulta em rugidos,
E dos trophéos reunidos
Salta um grito: — liberdade!...

* * *

Que! com nossas mãos alígeras
Da patria o seio rasgamos,
E o duplo altar laceramos
Pelos Theotões invejado!?
Pois que! nos padrões egregios
A multidão delirante
Céva a clava flammejante,
Agita o facho abrazado!?

É aos nossos golpes válidos
Que a frança gloria vascilla;
Seus louros virgens mutilla
Nossa maçã ensanguentada!
E sempre a sphynge da Prussia!
Que horrôr! A quem foi vendida,
Ai! pobre patria perdida,
Tua invencível espada?...

Sim! foi por ella que inanime
De Ham o nome cahira;
Ante a Reischoffen expira
De Wagran o grito ovante!
Riscado Marengo inclyto
Waterloo apenas resta...
E sob a folha funesta
Rasga-se a lenda brilhante!...

Uma bandeira theotonica
Enlucta nosso horizonte;
Sédan ennegrece a fronte
Que a Austerlitz deu renome!
Vergonha! A rajada frémita
É Mac-Mahon que vibra;
Forbach a Iena equilibra,
E o fogo as glorias consome!

Onde os Bicêtres, ó Gallia?
Os Charentons denodados?
Dormem os grandes soldados
Em teu leito de Procrustos.
De Coburgo, de Brunopolis,
Onde estão os vencedôres
Com seus sabres vingadôres,
Correndo areâes adustos?!...

Rasgar da historia uma pagina
Não é um crime inaudito?
Não será negro delicto
Manchar vultos que tombaram?
Suffocar a vóz dos martyres
Que nunca clamaram — basta —
E sempre de frente casta
Papas e reis captivaram?

* * *

Ai! apóz tantas miserias
Mais este golpe cruento!
Este delirio sedento
Que na paz mesmo abre chagas!
E tantos combates tragicos!...
Com Strasburgo queimada,
Com Paris atraíçoadada,
Que valem hoje estas plagas?!..

Se da Prussia o orgulho frivolo
Vendo seu negro estandarte
Vencedor por toda a parte,
Com Pariz a suas plantas,
Nos clamasse: “ Quero rapida
“A vossa gloria obumbrada:
Abaixo a pilastra ousada
Com que aos orbes espantas!

Abaixo esse arco insigne
— Emblema do imperio falso! —
Quero aqui — um cadafalso,
Alli — obuzes em linha;
Contra um — fogo mortifero,
Canhão, bombardada, escopeta;
Contra outro — a picareta!
Cumpri: a ordem é minha.”

Que vulto erguêra-se esqualido
Bradando ás turbas “sofframos”?!
Oh! nunca, á morte corramos!
Luctemos, que o insulto é novo!
Qu'importa mais crúas magoas?
Qu'importa um revez de mais?
Curvar-nos? Jamais! Jamais!
— E vós o fizeste, ó povo!...

FIM

NOTAS

O ITATYAIA

Patrio ponto culminante.

O Itatyiaia, ramo da serra da Mantiqueira, é realmente o ponto culminante do Brasil. Segundo o Dr. Franklin Massena mede 2,994 metros de altitude da raiz até a base das Agulhas Negras, maravilhoso feixe de pilastras de granito que corôa um de seus mais arrojados pincaros.⁶⁶

VINTE E CINCO DE MARÇO

As duas primeiras strophes d'esta poesia alludem ao projecto de constituição elaborado pelos membros da constituinte em 1823, no qual todos os grandes principios da liberdade, eram solemnemente reconhecidos.

A REZENDE

... “ Com nobre empenho
Penetrei no sagrado santuario “.

Refiro-me n'estes versos, á officina do nosso eximio pintor, o Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello⁶⁷. Alli passei agradavelmente algumas horas admirando os mais bellos trabalhos do philosopho-artista.

RECORDAÇÃO

Á Adelaide Luz, á companheira dos folguedos infantis, á moça intelligente e estudiosa em cuja frente fulgura a triplice corôa da belleza, do espirito e da bondade, devia eu a minha primeira producção poetica. Alterar agora a linguagem intima e singela d'esses versos, seria uma profanação.

⁶⁶ Esta nota, da própria autora, reflete o conhecimento geográfico da época (final do século XIX), que considerava o Pico das Agulhas Negras, no maciço do Itatiaia, como o ponto mais alto do Brasil. A medição de 2.994 metros citada por Franklin Massena (pseudônimo de Franklin Távora) também era um dado daquele período. Medições posteriores no século XX revelariam picos mais altos, como o Pico da Bandeira e, finalmente, o Pico da Neblina (2.995 m), hoje oficialmente o mais alto do país.

⁶⁷ **Pedro Américo de Figueiredo e Melo** (1843-1905) foi um dos mais importantes e célebres pintores acadêmicos do Brasil. É o autor de obras monumentais da história do país, como *Independência ou Morte!* (1888) e *A Batalha do Avaí* (1877). A nota da autora revela que o poema "A Rezende" foi inspirado por uma visita ao ateliê ("officina") deste famoso "filósofo-artista".